

A(voz) e Netos
A Música e Mediação Intercultural

Relatório de Estágio

Ana Sofia Marques Ferreira

Trabalho realizado sob a orientação de Professor Doutor
Cristóvão Adelino Fonseca
Franco Ribeiro Margarido

Leiria, Março de 2018

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais de Leiria
Instituto Politécnico de Leiria

Agradecimentos

Quero dedicar um agradecimento especial às seguintes pessoas:

À minha família, principalmente aos meus pais e irmã, pelo apoio e amor incondicional, por nunca desistirem de mim e por acreditarem nos meus sonhos;

A todos os meus amigos, pela força e apoio que me deram ao longo deste percurso, pelos sorrisos e gargalhadas que me fizeram dar e que tornaram este percurso muito mais luminoso;

A todos os colaboradores do Centro Social S. Pedro e Centro Comunitário S. José pela maravilhosa receção, apoio e momentos de aprendizagem que me proporcionaram ao longo do estágio;

Ao Professor Doutor Cristóvão, pela infinita paciência para me ajudar ao longo de todo este percurso, pelos ensinamentos que me foram transmitindo e por acreditar em mim.

A todos os professores que me ajudaram a chegar até aqui, dando-me a formação necessária para atingir esta meta.

Resumo

A pluralidade de culturas que caracteriza a sociedade portuguesa pode trazer-nos um conjunto de aprendizagens positivas e benéficas para o nosso desenvolvimento e para uma melhor compreensão do outro pois “Há uma transformação do eu sempre que se aprendem novos conhecimentos, seja na escola, seja nos diversos contextos culturais” (Vieira e Vieira, 2016:37). A mediação intercultural procura intervir mostrando a importância da criação de alternativas à resposta quase imediata para o que surge de diferente: incompreensão e tolerância. É preciso aprender a conviver e a mediação é “o acto de tecer laços entre as pessoas por mais distintas que possam, à primeira vista, parecer” (Montenegro, 2008: s.p).

Tendo estes pressupostos em consideração, o trabalho realizado no estágio teve como meta potenciar atividades musicais como promotoras de mediação intercultural.

Procurando perceber de que forma a música poderia ser um meio de promover a mediação intercultural, foram realizadas um conjunto de atividades com o objetivo de fomentar a interação entre crianças e idosos, utilizando a música como elemento chave de ligação/estabelecimento de pontes (Torremorell, 2008). Através da realização destas atividades, pudemos constatar que estas se constituíram como fulcrais para a aproximação destas duas populações.

Este trabalho encontra-se dividido em três partes fundamentais: 1 - enquadramento teórico, 2 - enquadramento metodológico, 3 - enquadramento institucional e atividades desenvolvidas. Inicia com uma introdução e termina com uma reflexão final.

Palavras Chave: Mediação Intercultural, Intervenção Social, Música

Abstract

The plurality of culture that characterizes the Portuguese society can bring us a set of positive and beneficial learning experiences for our development and for a better understanding of others. "There is a transformation of the self whenever new knowledge is learned, whether at school, or in different cultural contexts "(Vieira and Vieira, 2016: 37). Intercultural mediation seeks to intervene by showing the importance of creating alternatives as an immediate response to what emerges as different: misunderstanding and tolerance. It is necessary to learn to live together and mediation is "the act of drawing ties between people even if they seem to be distinct at first sight" (Montenegro, 2008: s.p).

Taking these assumptions into consideration, the objective of the study carried out during my internship was to understand if music could be a vehicle to promote intercultural mediation.

In order to understand how music could be a means of promoting intercultural mediation, a set of activities were carried out with the aim of fostering interaction amongst children and the elderly, using music as a key linking / bridging element (Torremorell, 2008). Though the implementation of these activities, we can verify that these activities were considered focal points for the approximation of these two age groups.

This study is divided into three major sections: 1 - theoretical framework, 2 - methodological framework, 3 - institutional framework and activities developed. It begins with an introduction and concludes with a final reflection.

Keywords: Intercultural Mediation, Social Intervention, Music

Índice

Agradecimentos	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Abreviaturas	vii
Introdução.....	1
I Parte- Contextualização teórica.....	7
1. Mediação Intercultural.....	8
2.Música e Interculturalidade	22
Parte II- Metodologia	25
1. Metodologia e Técnicas de Investigação.....	26
Parte III- Enquadramento Institucional e Atividades	33
1.Contextualização Institucional	34
1.1-Centro Comunitário S. José.....	36
1.1.1 Historial/ Localização.....	36
1.1.2-População- Alvo e Objetivos do CCSJ	37
1.1.3 Áreas de Intervenção	38
1.1.Centro Social S. Pedro.....	40
1.2.1 Historial	40
1.2.2 População Alvo e objetivos do CSSP	41
1.2.3 Áreas de Intervenção	41
2.Descrição de Atividades	42
2.1 Atividades Gerais	43
2.1.1 CCSJ.....	43
Reuniões multidisciplinares.....	43

Sala de Estudo (SE).....	44
CATL.....	44
Serviço de Atendimento Social	47
Oficinas ocupacionais.....	47
Divulgação dos resultados do projeto CriArte	48
Idas à escola.....	48
2.1.2.CSSP.....	49
Animação.....	49
Atividades didáticas.....	49
Conversas	50
Acompanhamento dos idosos	50
Consulta de dados.....	51
Organização de dias comemorativos e ocasiões festivas	51
2.2 Atividades Planeadas e desenvolvidas pela Estagiária.....	52
2.2.1 Oficina Musical	53
2.2.2(Re)Construção Musical	55
2.2.3 A(Voz) e Netos – Concurso Musical.....	58
2.2.4 Canções Intergeracionais	60
Reflexão Final	63
Referências Bibliográficas.....	68
Apêndices	74

Abreviaturas

APCC-Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra.

ASRCCC-Associação Social Recreativa e Cultural Cigana

CATL-Centro de Atividades de Tempos Livres

CACE-Centro de Atividades com Estude

CAJ-Centro de Atividades Juvenis

CCSJ-Centro Comunitário de S. José

CD-Centro de Dia

CDC-Cáritas Diocesana de Coimbra

CSSP-Centro Social S. Pedro

EID-Equipa de Intervenção Direta

FEAC-Fundo Europeu de Auxílio às Pessoas Mais Carenciadas

FPCEUC-Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade de Coimbra

MIIS-Mediação Intercultural e Intervenção Social

RVCC-Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e
Certificação de Competências

SAD-Serviço de Apoio Domiciliário

Introdução

Ao longo de dois anos de aprendizagens e desenvolvimento de competências no mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social (MIIS) da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, chegou a hora de apresentar o resultado final.

Optou-se por realizar estágio, pois a estagiária deu prioridade à intervenção social direta, o que possibilitou o desenvolvimento de novas competências importantes para um profissional de mediação intercultural. Desenvolveram-se atividades que permitiram perceber se a música poderia servir (e de que forma) de veículo de mediação entre as crianças do Centro Comunitário S. José (CCSJ) e os idosos do Centro Social de S. Pedro (CSSP), sendo que ambos os equipamentos pertencem à Cáritas Diocesana de Coimbra (CDC). A mediação *“[...] para além de ser uma estratégia de promoção e facilitação da comunicação e da convivência, designadamente na prevenção e gestão de conflitos, ela é também uma forma de promoção da integração e da participação social [...]”* (2009: 14)

A CDC é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), que nasceu na década de 50 e tem como principal objetivo apoiar as comunidades nas questões sociais da educação, da saúde e da religião. Esta tem como missão promover a dignidade humana segundo as leis da igreja e de Jesus Cristo, nomeadamente na zona de Coimbra, sendo os seus valores principias a humanização, profissionalismo, compromisso, transparência, caridade, universalidade, criatividade.

O CCSJ está integrado na área de intervenção comunitária da C.D.C e localiza-se no Bairro da Rosa, freguesia de Eiras. Tem como respostas sociais o Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL), o Centro de

Atividades Juvenis (CAJ), a Sala de Estudo (SE), Acompanhamento social e de RSI e a Equipa de Intervenção Direta (EID). Nesta panóplia de respostas oferecidas pelo CCSJ, aquela onde realizei parte deste estágio foi no CATL. O CCSP é uma estrutura que tem como respostas sociais uma creche, Centro de Dia (CD), Serviço de Apoio Domiciliário (SAD) e cantina Social. Dentro destas respostas, o trabalho realizado foi com os utentes do Centro de Dia apesar deste também oferecer a oportunidade aos utentes de SAD de frequentarem o centro durante o dia. Foi desta forma que surgiu a oportunidade de trabalhar com alguns utentes desta resposta social.

Abordando a questão da temática do trabalho desenvolvido no estágio, a ideia que dava corpo a este trabalho era perceber quais as representações sociais (Moscovici, 2003) que as crianças de etnia cigana tinham em relação aos idosos e se, com atividades que promovessem a mediação intercultural, essas representações mudariam, ou não. O equipamento da CDC onde se realizou o estágio foi o CCSJ, devido ao seu trabalho com uma população muito diversificada, principalmente com população cigana. Porém, ao ter o primeiro contacto com a técnica responsável pelo CCSJ, pudemos perceber que realmente houve uma altura em que esta população estava bastante representada no bairro, mas, ao longo dos anos, essa realidade foi-se modificando, existindo atualmente outras famílias com dificuldades socioeconómicas e que, por essa razão, recorreram a este equipamento. No que respeita à população idosa e considerando que o CCSJ não trabalhava diretamente com essa população surgiu a possibilidade de trabalhar no lar de S. António, que se localiza na sede da CDC, só que esta alternativa ficou inviabilizada pela distância entre estes dois locais. Por esta razão levantou-se a possibilidade de poder realizar parte do estágio no CSSP, localizado no Bairro do Ingote, perto do Bairro da Rosa e do CCSJ. Depois dos devidos esclarecimentos sobre as populações que

frequentavam as respostas sociais onde iria decorrer o estágio, procurou-se implementar uma investigação-ação no sentido de, através do desenvolvimento de atividades, se promoverem relações intergeracionais entre estes dois públicos.

Considerámos que esta técnica, tal como refere Isabel Guerra:

“não constitui tanto uma técnica de recolha de informação quanto uma nova aproximação da investigação, sendo uma modalidade que torna o actor investigador, e vice-versa, e que conduz a acção para considerações da investigação. O seu ponto de partida é particular, já que fundamenta a sua dinâmica sobre a acção, e considera os actores, não como objectos passivos de investigação, mas como sujeitos participantes” (Guerra, 2002: 23).

Assim, os conhecimentos que a estagiária possuía sobre música, adquiridos na Filarmónica Alvaiazerense Santa Cecília e na Tum’Acanénica – Tuna Mista da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria, constituíram-se como uma mais valia para o desenvolvimento das atividades do estágio. “[...] *todo o ser humano dotado de sensibilidade musical está ciente do magnetismo que ela exerce sobre as coisas e pessoas ao seu redor. A música age na esfera dos sentimentos. É um dos veículos de maior importância para que o homem possa manifestar, introduzir e exteriorizar emoções. Sendo assim, não é falha dizer que o poder da música no homem é singular*” (Fernandes (2008) in Simões 2014:26).

Surge então a possibilidade de criar atividades relacionadas com a música considerando que esta pode ser um importante veículo para a mediação intercultural. Como referem Maria Sousa e Félix Neto “A dimensão intercultural da música merece um olhar atento, com dimensões de integração e de união entre os povos, já que a música é uma linguagem universal” (Alsina. 1997 in Neto & Sousa, 2003:13”. Poder trabalhar então

esta questão acabou por facilitar, em parte, o trabalho realizado, dando realmente alento para continuar e ao mesmo tempo, poder fornecer algo de útil ao público alvo da intervenção, uma ponte de ligação, de convergência, entre duas populações com idades e culturas distintas, potenciando a aproximação entre elas e contribuindo para uma maior abertura na relação com os outros. *“A música, muito para além da sua própria especificidade, tem a capacidade de interactuar com outras linguagens e outras culturas.”* (Sousa e Neto, 2003:35)

A possibilidade de estagiar num local com estas características foi entendida como uma mais valia pois poderia trazer vantagens a nível de novas experiências e novos conhecimentos em termos de mediação intercultural e intervenção social e também permitiu que a própria investigadora explorasse competências pessoais, relacionais e profissionais, nomeadamente na área da música, intervindo na realidade social e provocando mudança, estando assim em perfeita sintonia com a ideia defendida por Isabel Guerra: *“As metodologias de investigação-acção permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido da singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes”* (2002: 52). Desta forma, este estágio possibilitou que a investigadora não só pusesse em prática os seus conhecimentos e competências prévios, como obtivesse novas competências e experiências pessoais e profissionais e consequentemente um novo olhar sobre a realidade social.

Desta forma, os objetivos definidos para a realização desta investigação foram: perceber a importância atribuída pelas crianças e os idosos à música; criar atividades musicais para promover a interação entre as duas populações e compreender se a música serviu como ferramenta de mediação, potenciadora de mudança e transformação.

As atividades desenvolvidas ao longo do estágio foram diversas, tendo participado nas atividades planeadas pelos locais de estágio, que permitiram aprofundar conhecimento sobre as populações alvo e, por conseguinte, facilitar a comunicação com as mesmas para a realização do trabalho. Desde passeios com os idosos, a atividades de natal com as crianças, a atendimentos com as assistentes sociais, ao acompanhamento no dia a dia tanto das crianças até as manhãs de atividades dos idosos o estágio foi realmente rico em fontes de contacto com as crianças e os idosos. É importante realçar as atividades diretamente ligadas à investigação e que aqui faremos uma breve referência e posteriormente iremos desenvolver na terceira parte deste trabalho:

- Oficina Musical;
- Reconstrução de Musicas;
- A(voz) e Netos (versão do programa da RTP – The Voice)
- Atividade Final

Este trabalho encontra-se dividido em três partes fundamentais e que dão conta de toda a dinâmica desenvolvida ao longo do estágio: a primeira parte incide na contextualização teórica, onde se aborda fundamentalmente o conceito de mediação intercultural e sua relação com outros conceitos como a intergeracionalidade e a música. No fundo discute-se o potencial de mediação no sentido de criação de laços sociais (Almeida, 2016) e o papel da música enquanto agente de intervenção comunitária (Storr, 1992). Na segunda parte apresentam-se as metodologias utilizadas na realização do estágio onde se justifica a utilização da investigação – ação como metodologia utilizada e o seu conceito “[...] *metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de acção [...] mediante a mudança e a aprendizagem a partir das consequências dessas mudanças [...]*” (Sousa e Baptista, 2001: 65). É também na segunda parte

que podemos encontrar os objetivos que nos propusemos atingir ao longo do estágio. A terceira parte consistiu na exposição/apresentação do enquadramento institucional. Nesta parte, além de situarmos geograficamente os locais de estágio, também procurámos explicar o trabalho realizado nas diversas respostas sociais que estes equipamentos oferecem; as atividades enquadradas na própria dinâmica institucional como as festas de natal do CCSJ e do CCSJ, comemoração de dias festivos, como o magusto, dia da mulher, dia da não violência escolar, entre outros e as atividades planeadas pela estagiária como a Oficina Musical, a (Re)Construção Musical, A(Voz) e Netos e Canções Intergeracionais. Na parte final deste trabalho é realizada uma reflexão sobre todas estas atividades, sobre os objetivos propostos e sobre as dificuldades que foram surgindo ao longo da realização deste estágio.

I Parte- Contextualização teórica

1. Mediação Intercultural

“Qualquer tradução implica um vai e vem entre sentidos de diferentes margens linguístico-culturais. Numa primeira abordagem, podemos dizer que mediar é traduzir no sentido antropológico. A mediação é, assim, uma estratégia de construção de pontes e trânsitos entre pessoas, diferentes pontos de vista e fronteiras culturais” (Vieira e Vieira, 2016: 27)

Nos dias de hoje vivemos num mundo com uma grande diversidade cultural a conviver num mesmo espaço. Ernesto Martins, num artigo em que aborda a diversidade cultural e a cidadania intercultural europeia, fala-nos sobre esta complexificação da sociedade quando afirma que:

“Na verdade, a heterogeneidade e/ou a diversidade cultural e linguística no panorama europeu, agrava-se com os fluxos de emigrações e mobilidade de pessoas e povos, que geram num ambiente intercultural conflitos, atitudes de racismo e xenofobia e questionam as atitudes de tolerância e respeito para com as culturas minoritárias, bem como a discriminação étnica. A sociedade moderna enfrenta hoje a existência de grupos minoritários que reivindicam o reconhecimento da sua identidade e a aceitação das suas diferenças culturais e linguísticas.” (2000:50).

A propósito desta reivindicação Cristóvão Margarido refere que *“a identidade de um indivíduo constrói-se através de uma luta pela pertença a realidades que, muitas vezes, se contradizem que ele próprio modifica, modificando-se a si mesmo, numa dialéctica produtora de transformação pessoal e social”* (2012: 81). Estas reivindicações nem sempre são conseguidas pois as sociedades onde estas minorias se vão inserindo não estão preparadas para lidar com o que é diferente do estabelecido pelos padrões dominantes. É a este propósito que Erving Goffman refere que:

“A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. [...]. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua "identidade social" [...]” (Goffman, 1988: 11-12).

É desta forma que se criam obstáculos e incompatibilidades na relação com “o outro” pois existe alguma dificuldade em lidar com o que é desconhecido e diferente do que estamos habituados a enfrentar. Tal como refere Nhat Hanh *“Necessitamos de uma visão de coexistência; nós pertencemos uns aos outros, não podemos fragmentar a realidade. O bem-estar “deste” é o bem-estar “daquele”, de maneira que temos de fazer as coisas juntos. Cada parte é “nossa parte”; não há uma “parte má””* (cit in Muldoon, 1998: 183). Esta visão de coexistência enfatiza a necessidade de mediação como ferramenta para chegarmos ao entendimento e vivência salutar entre todos.

O processo da mediação é, desta forma, algo que nos acompanha desde sempre. Desde os tempos mais remotos podemos observar casos em que, quando surgiam atritos entre pessoas da mesma tribo, se consultava uma terceira pessoa, geralmente a pessoa mais velha, o ancião, para que as aconselhasse e as orientasse com o objetivo de encontrar uma solução benéfica para os dois lados. Na obra de Ana Oliveira e Isabel Freire (2009), podemos encontrar o posicionamento da Alta Comissária para a imigração e diálogo intercultural, Rosário Farmhouse, que defende a ideia que a mediação é algo que nos acompanha desde os tempos antigos e que pode e dever ser aplicada em todas as áreas da sociedade, utilizando-a como *“um processo de regulação e transformação social tendo em vista a promoção*

de uma cultura de paz no mundo”. (Farmhouse cit in Oliveira e Freire, 2009: 9)

O conceito de mediação esteve muito tempo associado à resolução de conflitos, partindo-se do princípio de que os conflitos são algo de cariz negativo e que são possíveis de ser eliminados. *“As visões funcionalistas identificam o conflito como algo negativo, mas estudos aprofundados baseados em evidências empíricas vieram revelar que o conflito não é necessariamente negativo, deve surgir e seguir o seu próprio curso, ainda que não em proporções de tal forma graves, que comprometam o desenvolvimento e a integridade do ser humano.”* (Albuquerque et al. 2013: 141). Estas autoras mostram assim que o conceito de conflito podia ser encarado como algo positivo e não necessariamente como um mal que tem de ser erradicado. Tal como elas, existem outros autores que defendem convictamente esta ideia. A título de exemplo, Jares afirma que *“O objectivo de aprender a conviver faz parte, pelo menos de forma implícita, de todo e qualquer processo educativo [...] conviver não significa ausência de conflitos nem deve ter por objetivo eliminá-los [...] Ainda que possa parecer paradoxal, o conflito deve ocupar um lugar central na aprendizagem da convivência.”* (Jares, 2002: 89) O conflito é, desta forma, entendido como parte natural da vida e que, bem conduzidos, pode produzir resultados positivos para ambas as partes. A este propósito Jares defende que a mediação é um *“procedimento de resolução de conflitos que consiste na intervenção de uma terceira parte, alheia e imparcial em relação ao conflito, aceite pelos litigantes e sem poder de decisão sobre eles, com o objetivo de facilitar um acordo por meio do diálogo e da negociação.”* (Jares, 2002:153). Neste caso, a definição aponta mais para a questão da resolução de conflitos e procura caracterizar o mediador ou a terceira parte, como é

referido na sua obra, como alguém imparcial e que deve procurar orientar as partes para consigam encontrar a solução para a situação onde se encontram.

Esta ideia de consultar um terceiro elemento para gerir conflitos entre as partes foi-se consolidando ao longo dos tempos, dando uma importância acrescida à vertente resolutiva da mediação. Na sua obra, *Cultura de Mediação e Mudança Social*, Torremorell (2008) afirma que a partir dos anos 60 começaram a surgir muitas vozes convictas a favor da mediação, surgindo em movimentos pacifistas e à medida que a mediação ganhava destaque, outros focos de intervenção iam surgindo, enfatizados por autores que desenvolviam novas abordagens, complexificando a definição de mediação. José Antonio Caride (2016) é um exemplo paradigmático desta complexidade cada vez mais crescente ao defender que não devemos olhar para a mediação só como um meio de resolver situações de conflito, mas torná-lo num processo que procura promover a liberdade individual e a consciência social.

A mediação foi ganhando uma importância destacada na sociedade com, cada vez mais autores a procurar definir este processo, uns de forma abrangente, como Jean Six que nos apresenta uma conceção de mediação em que esta é uma *“acção realizada por um terceiro entre pessoas ou grupos que consentem e participam livremente e a quem pertencerá a decisão final, destinada tanto a fazer nascer ou renascer entre eles novas relações, como a prevenir ou curar entre eles relações perturbadas”* (cit in Torremorell, 2008: 17), realça-se assim uma dimensão nova de mediação: a mediação preventiva. O processo de mediação, como já foi referido, traz diversas oportunidades no desenvolvimento das relações com o outro e de aprendizagens múltiplas, *“A necessidade de liderar os próprios processos vitais alcançando quotas de protagonismo e responsabilidade em todas as esferas da própria existência atribui à mediação um papel insubstituível: o*

de estruturar uma via primária de aprendizagem para a autodeterminação. Neste sentido, a criação de instâncias de mediação, instaura, em primeiro lugar, um espaço preventivo que favorece o trânsito para formas de relação co-dependentes e de autogestão.” (Torremorell, 2008: 81).

Já Ricardo Vieira defende que *“A mediação [...] desenvolve-se, no mínimo, numa interação triangular onde o mediador funciona como um tradutor de culturas. A função de mediação é precisamente servir de ponto de encontro dos que são diferentes sem cair na tentação de os homogeneizar” (Vieira, 2011: 186)*

Outra das características já referidas da mediação é a capacidade de a mediação intervir de forma preventiva ou resolutive. No manual de formação *Mediación intercultural: una propuesta para la formación* (AAVV, 2008) salienta-se a ideia de que a mediação preventiva procura anteceder possíveis situações em que a comunicação não funciona e procura capacitar as pessoas para atitudes de escuta e compreensão perante o outro, com toda a sua história e diferenças. Já a mediação de carácter resolutive surge quando já existem problemas e falhas de comunicação entre as partes e não conseguem lidar com as suas diferenças. É neste sentido que Ana Vieira nos diz que, apesar do conceito de mediação aparecer constantemente ligado à resolução de conflitos, este pode ser encarado de forma transversal *“é passível de usar em vários contextos como vimos, não só na gestão e na dimensão paliativa dos conflitos, mas, também, a montante dos conflitos, antecipando-os, evitando-os e criando um ambiente de respeito pelos outros e por si próprio, um ambiente de cosmopolitismo para uma sociedade inclusiva” (Vieira, 2014: 32).* Segundo Helena Almeida (2016), a partir dos anos 90, começou a abordar-se a mediação do ponto de vista sociológico que *“veio afirmar a mediação como um modo de regulação social, isto é um mecanismo associado à criação, transformação e desaparecimento de*

regras que integra uma dimensão social ao serviço da criação ou renovação de laços sociais.” (2016: 17)

A mediação consiste em comunicar, em criar pontes, em ensinar-nos a lidar com as diferenças de uma forma positiva. Como defende Ana Vieira na sua obra *Educação Social e Mediação Sociocultural*:

“Na mediação entre diferentes valores culturais, o trabalhador social emerge com um mediador entre os grupos sociais e as mais diversas instituições públicas e privadas, apoiando-se numa hermenêutica multióptica com vista à concretização dos direitos e dos interesses dos grupos sujeitos em causa na interacção. A finalidade do processo da mediação é buscar a autonomia desses grupos e pessoas” (Vieira, 2013: 103)

Cada vez mais a mediação é alvo de estudos e discussões entre diversas áreas, daí observamos o crescimento do número de artigos, teses, livros sobre esta temática. Para Bonafé- Schmitt, *“A análise do fenómeno de mediação não pode ser reduzida nem a uma simples técnica de gestão de conflitos utilizada pelos Estados para ampliar o seu controlo social, nem ao aparecimento de um novo actor no mercado da gestão dos conflitos; ela representa também um novo movimento social, uma nova forma de acção comum [...] (Bonafé- Schmitt, 2010: 53).*

Havendo diversos pontos de vista e abordagens perante este conceito, há certas características comuns nos vários tipos de mediação, nomeadamente a ideia de que esta não pode ser um processo fixo, com regras fixas para todas as situações que surjam, pois todos somos diferentes, vivemos numa sociedade cada vez mais complexa, onde não se insere uma cultura, mas múltiplas, umas com mais vozes com outras, com todo um conjunto de características que tornam cada situação que recorre à mediação única, sendo necessário que o mediador tenha flexibilidade nesse sentido. Jares, na sua

obra *Educação para a Convivência* (2002) define um conjunto de competências do mediador, independentemente da área de intervenção: discricção; dinamismo; confidencialidade; independência e imparcialidade; conhecimento sobre o trabalho que está a desenvolver; voluntariedade; escuta ativa; paciência. Também nos fala da importância de criar um ambiente em que todos se sintam confortáveis e de sugerir outras alternativas, caso a mediação não resulte. Também Torremorell (2008) explica que todo o processo de mediação é complexo e existem certas competências que se devem requerer à pessoa que desempenhará o papel de mediador e que devem ser muito bem delineadas e respetivamente apresentadas às partes para que não haja qualquer equívoco sobre o papel do mediador. Fala-nos na questão da neutralidade e da impossibilidade de o mediador ser neutro perante uma situação em que tenha de intervir pois, como Galtung afirma “*Nunca houve neutralidade, nunca há, e nunca existirá. Creio que a única maneira de ser neutro é estar morto*”. (cit in Torremorell, 2008: 24) A questão da neutralidade implica uma equidistância e a ideia de apenas intervir em caso de extrema necessidade, pois quem deve ter a iniciativa de participar são as partes que recorreram. A questão aqui é que, para o mediador possa realmente ser uma mais valia, deve procurar conhecer as partes, procurar promover a reflexão e o pensamento crítico e não conseguirá atingir estes objetivos se se mantiver neutro perante a realidade que se lhe apresenta. “*Queira ou não queira, o mediador encontra-se integrado no processo – ainda que não no conflito – e a sua principal preocupação consiste em conseguir a horizontalidade do intercâmbio comunicativo*” (Torremorell, 2008: 25).

É importante realçar que neutralidade não é o mesmo que imparcialidade. “*A necessária empatia que o mediador intercultural tem de desenvolver com as partes envolvidas, enquanto interventor social, não lhe*

permite a neutralidade axiológica [...] fomos assistindo, mais recentemente, à convocação do conceito de imparcialidade, em vez de neutralidade, embora alguns autores continuem a considerar tal atitude como uma abstração.” (Vieira e Vieira, 2016: 66). Autores como Folger e Jones (1997) ou Torremorell (2008) defendem que o objetivo final da mediação deveria ser, em vez da ausência de intervenção do mediador para não se colocar ao lado de nenhuma das partes, a multiparcialidade, conceito este que pede que o mediador seja empático ou como nos diz Diez e Tapia “tomar partido por todos” (1999: 112), e sendo a mediação um processo transformador, até o mediador sofre mudanças, pois todos os envolvidos retiram algo de todo este trabalho, sendo isto um dos principais objetivos da mediação. Desta forma o principal objetivo da mediação assenta sempre numa base de mudança/ transformação de todas as partes envolvidas, incluindo o mediador.

A este propósito Helena Almeida (2016), no seu artigo *A Sustentabilidade da mediação social e os debates e desafios sociais* afirma que “*o mediador é um criador de oportunidades de interação: entre indivíduos, entre indivíduos e organizações e entre organizações e entre os indivíduos, as organizações e a comunidade*” (2016: 18). O mediador, também designado por “terceiro” ou “terceira parte”, como já foi referido anteriormente, procura orientar o processo de mediação e foi um papel que a estagiária desempenhou ao longo do estágio, principalmente quando juntava as crianças e os idosos, mas também na preparação e realização das atividades.

Apesar de diversos autores não serem apologistas da utilização desta conceção temos outros, como Six, que defendem esta denominação pois “*o terceiro rompe a dualidade em que dois seres se encontram envolvidos; além do mais, ele significa que existem, é para eles um ponto de referência comum*” (Six, 1990: 165).

A mediação traz consigo todo um conjunto de características e particularidades, algumas referidas anteriormente, mas é importante referir também a formalidade ou informalidade do processo. Como Torremorell refere:

“Quando alguém exerce a função de mediador espontaneamente no seu próprio meio [...] tentando favorecer acordos, contactos e relações positivas entre as pessoas, seja respondendo a uma forma de ser, a um papel social, ou servindo interesses próprios, considera-se que a mediação é efectuada informalmente [...] a mediação formal, com muito mais regras, baseia-se em técnicas cada vez mais consolidadas, procedimentos estabelecido, instâncias organizadas e mediadores profissionais.” (2008: 28).

Traz também uma vasta área de trabalho que se multiplica por diversos terrenos de intervenção: mediação familiar, mediação de conflitos, mediação intercultural, mediação intergeracional, mediação sociopedagógica, mediação social, entre outros. As que se destacam para este trabalho de investigação no terreno são a mediação intercultural e a mediação intergeracional, que apesar de terem objetivos comuns, têm algumas características particulares das quais irão ser faladas. *“A Mediação Intercultural atravessa, ou pode atravessar, se se assumir o intercultural como paradigma que rompe com o culturalismo [monoculturalismo], todas as mediações socioculturais (familiar, comunitária, pessoal, laboral, jurídica, escolar, etc.) e não está presente apenas em contextos de forte multiculturalidade” (Vieira e Vieira, 2016:68)*

Quando falamos em mediação intercultural, percebemos que é um processo abrangente onde se procura trabalhar com um universo complexo, com uma sociedade cada vez mais heterogénea culturalmente. A mediação intercultural procura agir, transformando os que recorrem a este processo,

promovendo, para além do que as partes inicialmente pretendem, momentos de aprendizagem e de reconhecimento do outro .

Para Carlos Giménez a mediação Intercultural pode ser entendida:

“como una modalidad de intervención de terceras partes, en y sobre situaciones sociales de multiculturalidad significativa, orientada hacia la consecución del reconocimiento del Otro y el acercamiento de las partes, la comunicación y comprensión mutua, el aprendizaje y desarrollo de la convivencia, la regulación de conflictos y la adecuación institucional, entre actores sociales o institucionales etnoculturalmente diferenciados” (Giménez, 2016: 142).

Mas, para Ana Vieira e Ricardo Vieira, a mediação intercultural pode ser ainda mais ampla, focando a importância que esta pode ter na transformação dos sujeitos:

“podemos reivindicar uma mediação específica em mediação intercultural para a intervenção social com migrantes e minorias etnoculturais, a par das outras mediações[...] sociopedagógica, familiar, jurídica, laboral, entre outras. Mas podemos, igualmente, reivindicar um novo paradigma de mediação intercultural, transversal a todas estas anteriores, assente mais na ideia de prevenção, transformação, reabilitação, autonomização” (Vieira e Vieira, 2016: 51)

Torremorell (2008: 71) explica-nos esta questão da transformação do indivíduo mostrando cinco dimensões relacionais do ser humano e o seu potencial para o trabalho da mediação: primeiro temos o *nível intrapessoal*, onde a mediação se foca em promover esses momentos de aprendizagem e *“Quando o mediador procura, com presteza, activar as potencialidades das pessoa em relação à comunicação efectiva de pensamentos, sentimentos e*

vivências, dota os participantes no encontro de mediação de um espaço para refletirem sobre si mesmos.”; de seguida, a mesma autora, fala-nos do nível interpessoal, onde a mediação entra como veículo de convivência, ou seja o mediador procura criar pontes entre as partes, para uma melhor comunicação e compreensão do outro; em terceiro lugar, temos o nível intragrupal, que “remete-nos para os vínculos que se estabelecem entre pessoas que fazem parte do mesmo que grupo, que pode ser formal ou informal”, onde a mediação procura trabalhar a questão da coesão e da cooperação do grupo, procurando incentivar a compreensão, a escuta, a reflexão para uma criação de laços mais fortes entre o grupo; o seguinte nível que Torremorell nos fala é o nível intergrupar, onde a mediação “facilita o funcionamento conjunto e efectivo, estimulando o intercâmbio, tendo em vista a democratização da tomada de decisões e promovendo, por conseguinte, uma verdadeira participação que aglutina em vez de dividir” ou seja procura criar condições para que a comunidade de indivíduos consiga lidar com as diferenças individuais de cada membro desta comunidade. Para finalizar, Torremorell apresenta-nos o quinto nível, social em que a mediação “desenvolve o que poderíamos chamar de competências culturais, no sentido em que promove atitudes de abertura em relação a outras formas de entender a existência ou [...] capacidade para gerar empatias com significações socioculturais [...] (2008: 2016)

Ainda sobre conceito de mediação intercultural, é importante refletir sobre a segunda parte desta designação, que é a interculturalidade. Esta ideia de interculturalidade aparece recorrentemente ligado às questões das migrações, à diversidade cultural que hoje em dia é cada vez mais uma realidade social. Há quem defenda a ideia de multiculturalismo, mas esta diversidade cultural não pode significar apenas a tolerância entre diferentes culturas pois tolerância não significa respeito, compreensão e convivência.

Desta forma deve procurar-se um maior dinamismo, um maior relacionamento entre todos e perceber o *outro com tudo o que faz parte dele, nomeadamente a sua identidade cultural*. “*A interculturalidade não diz respeito, apenas aos emigrantes e a pedagogia intercultural não se refere, unicamente às crianças. Trata-se da eleição de um tipo de sociedade, [...] que, para sobreviver, opta pela interdependência, em vez de se fechar numa atitude defensiva*” (Conselho da Europa, 1989, cit in Peres, 1999: 35). Associado a esta ideia aparece também o termo de mediação sociocultural, que, apesar de defender a ideia de coexistência e o respeito entre todos, não dá enfoque à questão da transformação dos sujeitos, do tal dinamismo que já foi referido anteriormente. “[...] parece claro que toda a Mediação Intercultural é sociocultural. Mas nem todas as mediações socioculturais são necessariamente interculturais. A Mediação Intercultural remete, sempre, para a ideia do terceiro lugar, terceira pessoa, mestiçagem, cultura(s) dinâmica(s), interculturalidade e (Trans)formação dos sujeitos e culturas envolvidas [...]” (Vieira e Vieira, 2016:69).

Apesar de sabermos que todas as mediações intergeracionais são também interculturais, é importante abordar para este trabalho esta área de mediação designada por intergeracional. Desta forma, considerámos necessário abordar, ainda que sumariamente, o conceito de intergeracionalidade, das relações entre diferentes gerações (que podem não ser apenas relações entre crianças e idosos, mas também entre diferentes gerações: pais e filhos, tios e sobrinhos, entre outras). Neste caso concreto, o foco da investigação são as relações entre idosos e crianças.

A intergeracionalidade é uma temática que começou a ser investigada há relativamente pouco tempo, mas vemos um crescimento da importância que vai ganhando no meio académico. Cada vez mais vemos atividades, programas e projetos vocacionados para esta área e geralmente

mais focado nas relações entre os idosos e crianças. *“As relações intergeracionais podem ser entendidas como vínculos que se estabelecem entre duas ou mais pessoas com idades distintas e em diferentes estádios de desenvolvimento, possibilitando o cruzamento de experiências e características e necessidades muito próprias, fato que enriquece a relação e motiva a continuidade da mesma.”* (Oliveira, 2011: 4).

Uma das autoras que trabalha a questão da intergeracionalidade é Cristina Palmeirão, que tem apresentado publicações sobre a importância das relações intergeracionais e da valorização dos ensinamentos que os mais velhos têm para transmitir às gerações mais novas. Esta autora refere que *“Estimular a educação intergeracional é[...] e um passo enorme para a tão desejada "cultura da ancianidade". Todavia, o desenvolvimento desta cultura exige oportunidades e um comprometimento social permanente e afectivo. A comunicação é a base das relações humanas e desenvolve-se no sentido de construir espaços de convivialidade e interações positivas e significativas.”* (Palmeirão, 2007: 132).

Esta aproximação das diferentes gerações deve ter em conta não só a questão temporal, como também estilos de vida, valores que cada geração tem que se tornam relevantes no contacto entre os indivíduos. As iniciativas intergeracionais procuram gerar uma consciência multigeracional e fomentar a aprendizagem cooperativa e boas práticas relacionais. Porém, como refere Luísa Pimentel, uma das responsáveis pelo projeto IPL 60+¹ (onde a intergeracionalidade é uma das questões desenvolvidas) *“As relações e as aprendizagens intergeracionais, que se desenvolviam de forma espontânea e regular até algumas décadas (Newman e Hatton-Yeo, 2008), pela*

¹ O Programa IPL60+ é um programa do Instituto Politécnico de Leiria que tem como missão ajudar a mudar o paradigma do envelhecimento, dinamizando atividades formativas, educativas e socioculturais que envolvam os indivíduos no seu percurso de aprendizagem e desenvolvimento ao longo da vida. Consultar <http://60mais.ipleiria.pt/>

proximidade que pautava os contactos sociais nas pequenas comunidades e pela partilha de espaços de vida, estão crescentemente comprometidas.” (Pimentel, 2016: 192)

Aqui a mediação entra no sentido de facilitar estas falhas de comunicação cada vez mais evidentes nos dias de hoje entre crianças e idosos. Sendo objetivo da mediação ser facilitador de relações, criar pontes, servir de “tradutor”, é necessário criar ferramentas que promovam esta mediação intergeracional. Para Cristina Palmeirão:

“[...] faz sentido pensarmos a educação intergeracional, enquanto processo de capacitação da pessoa para o pleno exercício da sua cidadania, da eliminação dos preconceitos por razões de idade e contra o medo do nosso envelhecimento. Ou seja, uma via nova para a edificação de uma solidariedade intergeracional propícia ao desenvolver e fortalecer a equidade e a reciprocidade entre as gerações.” (2008: 23).

A importância de promover projetos e trabalhos que procurem trabalhar com diversas gerações tem vindo a aumentar, sendo que trazem benefícios diversos:

“Muitos estudos têm vindo a demonstrar que os PI [Programas Intergeracionais] são benéficos tanto para as gerações participantes como para a comunidade. Kaplan, em 2001, desenvolveu uma investigação no âmbito da UNESCO, em que analisou vários estudos, tendo, em consequência, identificado os seguintes: (...) benefícios para as crianças e jovens: compreensão da história e da vida como um processo em curso; atitudes mais positivas em relação a pessoas de idade e ao processo de envelhecimento; maior cooperação, comunicação, tolerância, preocupação e respeito pelas limitações dos outros; aprendizagem de coisas tão variadas como artesanato, jogos tradicionais, história cultural, habilidades de artes cénicas e de horticultura, entre outros. Em termos de benefícios para as pessoas de idade, o autor apontou os seguintes: melhoria da autoestima;

melhoria da saúde; comportamento menos solitário; aumento da memória; melhoria das atitudes em relação aos jovens; ligeira redução de sintomas depressivos; e reforço das habilidades para resolver problemas.” (Villas-Boas et all, 2015: 35-36)

Foi com base nestes pressupostos de que, por um lado, as aprendizagens intergeracionais estão cada vez mais comprometidas (Pimentel, 2016) e, por outro lado, são cada vez mais necessárias (Palmeirão, 2008) que embarcámos nesta “aventura” de promoção de atividades intergeracionais/interculturais, através da música.

2.Música e Interculturalidade

Desde sempre que a música fez parte da nossa história. De diversas formas, em épocas diferentes, sempre numa perspetiva de adaptação ao espaço temporal. Mas o que é a música? É uma pergunta que muitos fazem, apesar de ser difícil uma questão de resposta complexa. Talvez seja como perguntar “o que é o amor?”. Muitos o sentem, mas ninguém, com a devida propriedade, o consegue definir. Como nos diz Maria do Rosário Sousa (2008) podemos sentir a música, viver a música, mas raramente pensamos na sua definição.

Vários autores como Leonard Bernestein (1954), Tomas Borba e Lopes Graça (1999), António Vitorino de Almeida (1993) têm obras sobre este tema. Por exemplo, Tomas Borba e Lopes Graça falam da música como *“a arte de combinar sons de modo a agradar ao ouvido para, pondo em acção a inteligência, falar aos sentimentos e comover a alma. Como ciência, a música aprecia os sons nas suas relações com a melodia, o ritmo e a harmonia.”* (Borba e Graça: 1999: 274). Vitorino de Almeida aborda a questão da música e da sua importância como veículo promotor da mediação:

“[...] a música é sempre um modo de transmissão de ideias, uma linguagem, uma forma de comunicação que tanto pode descrever-nos os cenários de um quotidiano grotesco, como transportar-nos para estados meditativos de transcendência metafísica. Eu não hesitaria em afirmar que a música constitui um dos mais eficazes elos de comunicação entre as pessoas [...]” (1993:12-13).

Portanto, a música, por si só, é um universo complexo, cheio de variedade e pode ser encarada de maneira diferente, dependendo de como nós a olhamos e ouvimos.

A música pode ser abordada do ponto de vista intercultural, criando uma linguagem comum e facilitando a comunicação até entre as culturas mais afastadas. *“A dimensão intercultural da música merece um olhar atento, com dimensões de integração e de união entre os povos, já que a música é uma linguagem universal”* (Alsina cit in Sousa e Neto, 2003: 13). Maria Sousa e Félix Neto (2003), que abordam a música no processo de educação intercultural, falam-nos também das grandes dificuldades que se impunham para conseguir definir este conceito *“Desde as mais complexas às mais simples definições do que se entende por música, muitos foram os autores que definiram este conceito de acordo com os meios socioculturais, através dos tempos até a actualidade”* (Sousa e Neto, 2003: 33)

A música pode, efetivamente, ser o terceiro elemento que procura criar ligações, ajudar as partes a comunicar entre si, mostrando a riqueza de ferramentas que a mediação pode recorrer para que a tal transformação aconteça. *“A intervenção social através da arte emerge como resposta a necessidades sociais, ou seja, perante os diversos problemas sociais, surge*

a necessidade de criar novas formas de intervenção, para promover a inclusão social de modo a fomentar a cidadania” (Magno, 2016: 42)

Considerada como meio de comunicação universal, Maria do Rosário Sousa (2008: 70) afirma que a música é uma maneira de criar, de expressar e de comunicação, referindo alguns autores que falam da importância da música para a educação:

“Encontramos, nos dias de hoje, no âmbito do ensino e da aprendizagem da educação artística e no campo da pedagogia musical, pedagogos e investigadores que consideram, igualmente a música fundamental na educação[...] criaram diversas metodologias, cujos objectivos se situam igualmente na crescente preocupação de educar, através da música e das áreas de expressão artística, proporcionando a crianças, adolescentes, jovens e adultos uma formação musical de base, estrutural e estruturante, onde sejam contemplados princípios e orientações para o seu desenvolvimento e para as vivências do seu dia a dia” (2008: 70).

A música pode também relacionar-se com a construção de identidade, como afirma Hargreaves, Miell & MacDonald (2002):

“music can be used increasingly as a means by which we formulate and express our individual identities. We use it not only to regulate our own everyday moods and behaviours, but also to present ourselves to others in the way we prefer. Our musical tastes and preferences can form an important statement of our values and attitudes, and composers and performers use their music to express their own distinctive views of the world” (2002:1)

Parte II- Metodologia

1. Metodologia e Técnicas de Investigação

“Cada um de nós observa e reflete sobre os comportamentos e atitudes dos outros, bem como de si próprio. Esta capacidade reflexiva permite podermos ser objeto de nós próprios e observadores dos comportamentos de outrem. (Faria e Vieira, 2016: 109)

Num mundo em que a investigação na área social surgiu tardiamente, comparativamente às chamadas ciências exatas ou ciências naturais, é necessário perceber o trabalho árduo que as ciências sociais têm para conseguir realçar e marcar a sua posição no mundo da investigação. *“É sabido que as ciências sociais não gozam do mesmo prestígio conferido às ciências físicas. Há mesmo autores que são partidários de sua não-inclusão no rol das verdadeiras ciências.”* (Gil, 1999: 21) O objeto de estudo das ciências sociais é tão complexo que não se podem testar, confirmar ou refutar através de um conjunto de variáveis, pois o estudo do ser humano e do que o rodeia está em constante mudança e por isso são imprevisíveis. *“O social (lat. Socius) que as ciências atingem significa a não redução ao individual e singular, a focagem da relação com o outro, a atenção aos conjuntos (sem esquecer os elementos de que se compõem), as diversas manifestações da sociedade.”* (Carmo, 1990: 40)

Desde o século XIX, altura em que surgiram as ciências sociais, que estas travam diversas batalhas para conseguirem mostrar a importância e o impacto do seu trabalho, enfrentando diversos obstáculos. Como nos diz António Gil sobre as objeções das ciências naturais contra o reconhecimento das ciências sociais, *“A ciência se vale fundamentalmente do método experimental, que exigem, entre outras coisas, o controle das variáveis que*

poderão interferir no fenômeno estudado. Os fenômenos sociais, por outro lado, envolvem uma variedade tão grande de fatores que tornam inviável, na maioria dos casos, a realização de uma pesquisa rigidamente experimental.” (Gil, 1999: 21) Porém, existiram autores que acreditavam que era possível estudar o ser humano e os fenômenos sociais utilizando os métodos das ciências naturais, *“Muitos acreditavam firmemente que isso seria possível e, nessa conformidade, a Ciência era tida, então, como um conhecimento sistemático das leis da natureza e do comportamento humano, validado empiricamente através da experimentação e/ou da generalização estatística”* (Amado, 2014: 28)

Surgiram, então, várias abordagens à investigação nas ciências sociais, havendo diversos autores que, ao longo dos anos, foram dando o seu contributo. Alguns baseando os seus trabalhos nas premissas das ciências naturais, apontando para uma análise mais rigorosa e criteriosa da realidade social, procurando dados quantificáveis, um cruzamento de variáveis e confirmação ou refutação de teorias e outras que procuraram abordar a realidade do ser humano no seu contexto, procura compreender as ações e os significados que são atribuídos a essas mesmas ações pelos seus intervenientes. Como Burgess refere:

“Os investigadores que se lançaram em estudos detalhados das suas próprias sociedades trabalharam no âmbito de diferentes tradições e escreveram a partir de diferentes perspectivas. Alguns sociólogos permaneceram “exteriores”, outros partiram do interior das situações, muitas vezes pela força das circunstâncias, enquanto outros ainda se puseram em ambas as posições, no âmbito do mesmo estudo. Isto resultou em diferentes modelos de pesquisa de terreno usados pelos antropólogos e pelos sociólogos empenhados na pesquisa de campo contemporâneo” (1997: 20)

Cada abordagem é orientada por um determinado conjunto de ideias e teorias que designamos por paradigma, “*fundamentação filosófica (concepções de realidade, pessoa, sociedade, cultura, sujeito, objeto, ação, etc.) e, sobretudo, uma fundamentação epistemológica (assente em determinados conceitos de verdade e de ciência), que justifiquem as escolhas ao nível das teorias, das estratégias metodológicas e das técnicas a empregar numa investigação*” (Amado: 2014: 30), destacando-se dois, o paradigma hipotético-dedutivo e o paradigma fenomenológico-interpretativo, sendo este segundo o utilizado como estrutura base desta investigação.

João Amado aborda a questão do paradigma hipotético-dedutivo, referindo que:

“Na perspectiva do paradigma hipotético-dedutivo, o objetivo central do conhecimento é o de estabelecer relações causais entre as variáveis subjacentes a um determinado fenómeno e esse mesmo fenómeno. O que implica uma investigação que, partindo da teoria, começa por formular hipóteses e, seguidamente, avança pelo teste experimental e (ou) estatístico dessas hipóteses prévias (teoria para testar), procurando evidências empíricas que as corroborem ou infirmem. Trata-se, pois, de uma abordagem dedutiva (*top-down approach*) em que se pretende é submeter à prova uma determinada teoria (contexto da prova)” (2014: 33).

Associado a este paradigma, surgem, geralmente, os métodos e técnicas quantitativas, como por exemplo os inquéritos por questionário, que procuram avaliar determinadas teorias, em contextos previamente definidos.

Para Michelle Lessard-Hébert, Gabriel Goyet e Gérald Boutin paradigma fenomenológico-interpretativo é :

“*formulado em termos de acção, uma acção que abrange o «comportamento físico e ainda os significados que lhe atribuem o ator e*

aqueles que interagem com ele. O objeto da investigação social interpretativa é a acção e não o comportamento»” (Erikson, 1986: 127)
Face ao objecto acção-significado [...] o investigador postula uma variabilidade das relações entre as formas de comportamento e os significados que os actores lhe atribuem através das suas interacções sociais)” (2012: 39)

A investigação deve refletir muito mais do que apenas os motivos para que os indivíduos ajam de determinada maneira, deve tentar compreender esses motivos e qual a importância que os indivíduos dão a esses comportamentos. Como refere Isabel Guerra:

“a especificidade das perspectivas compreensivas é, sobretudo, a sua orientação para a identificação das práticas quotidianas e das emergências de novos fenómenos sociais, que elucidam ou transformam, no hic et nunc das dinâmicas sociais, as regras ou as instituições existentes. Não estamos perante indivíduos isolados pelo individualismo metodológico, mas perante actores que agem tendo em conta a percepção dos outros e balizados por constrangimentos sociais que definem intencionalidades complexas e interactivas.” (Guerra, 2006: 9).

Foi esta a linha de orientação que a estagiária procurou seguir ao longo de todo o trabalho pois todos os objetivos deste estágio curricular passaram por compreender a relação entre as crianças e idosos através da música e qual o valor que elas atribuíram a esta interação e às atividades que foram feitas para cumprir esse objetivo. *“Os investigadores tendem a analisar a informação de uma “forma indutiva”. Desenvolvem conceitos e chegam à compreensão dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados [...] Quando os investigadores estudam os sujeitos [...]*

tentam conhece-los como pessoas e experimentar o que eles experimentam na sua vida diária (não reduzem a palavra e os actos a equações estatísticas)” (Hermano & Ferreira, 1998: 179).

“As metodologias de investigação-ação apresentam como elemento fulcral da estratégia de conhecimento a relação entre o cientista e o seu objecto de estudo (no caso do planeamento, os diversos actores envolvidos), tendo em vista a mudança de uma situação dada para outra colectivamente desejada” (Guerra, 2002: 43) O objetivo central desta investigação foi perceber o impacto da música como veículo de mediação entre as crianças e idosos e utilizar todas as informações recolhidas de forma a que fossem criadas novas ferramentas para promover estas interações. Assim sendo, todo o trabalho realizado foi baseado nas ideias chave da investigação-ação:

“[...] na investigação-acção, o investigador já não realiza a ruptura (epistemológica) através da sua não-implicação no terreno, através do seu distanciamento das produções ideológicas dos grupos implicados e dos seus interesses. Ao contrário, o investigador provoca a ruptura através da sua intervenção activa desde o primeiro momento da constituição do grupo. Para o investigador, como para os outros intervenientes na investigação-acção, o conhecimento, e, portanto, a ruptura necessária à sua produção, elabora-se no confronto entre as diferentes lógicas de acção presentes” (Monteiro, 1988 in Guerra, 2002: 53)

A investigação-ação é uma abordagem prática, procura criar mudança, sendo que o investigador tem um papel ativo na investigação. Como refere Judith Bell *“A natureza essencialmente prática da resolução dos problemas de uma investigação-acção torna este tipo de abordagem atraente para os investigadores profissionais que tenham identificado um problema no decurso do seu trabalho, que queiram investigá-lo e, se possível, aperfeiçoar a sua acção.”* (Bell, 1997: 21-22).

Ao longo do estágio foi necessário encontrar técnicas que permitissem uma melhor recolha de informação sobre o contexto das populações alvo. *“Chamam-se técnicas de investigação as diversas formas ou modos de actuar bem definidos pelos quais se pode captar a realidade social, fazer a recolha dos dados e o seu tratamento”* (Carmo, 1990: 87). Optámos por técnicas qualitativas na medida em que procuramos perceber os significados que os indivíduos atribuem às suas ações.

Uma das técnicas utilizadas foi a observação direta. Para poder criar as atividades para a investigação, era necessário conhecer as populações com quem se iria trabalhar. Para Burgess:

“Apesar de os cientistas sociais usarem várias abordagens para estudar o mundo social – métodos experimentais, medidas estatísticas e inquérito por questionário – nenhum destes métodos pode completamente abarcar os elementos subjectivos da vida social. Deste modo, os investigadores viraram-se para a observação e para a observação participante, por forma a terem acesso aos significados que os participantes atribuem às situações sociais. Nestas circunstâncias, o investigador apreende em primeira mão uma dada situação social utilizando a observação participante” (Burgess, 1997: 86).

Para que os objetivos deste trabalho fossem atingidos era fulcral esta presença no terreno, conhecer as duas partes inseridas nos seus contextos. Como refere Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, *“Na observação participante, é o próprio investigador o instrumento principal de observação [...] o investigador pode compreender o mundo social do interior, pois partilha a condição humana dos indivíduos que observa”* (2012: 155)

Outra técnica utilizada na investigação foi a entrevista exploratória, fazendo-a a alguns dos sujeitos em estudo, de forma a perceber qual o impacto da música nas suas vidas, se existia o contacto com populações mais

velhas ou mais novas, conforme o entrevistado fosse criança ou idoso, e qual a sua perspectiva sobre o outro.

Parte III- Enquadramento Institucional e Atividades

O estágio no CCSJ e no CSSP começou no dia 17 de outubro de 2016 e terminou dia 19 de maio de 2017. Durante o período da manhã, o estágio era realizado no CSSP entre as 11h e as 13h e no período da tarde, das 14h às 19h, era realizado no CCSJ.

1.Contextualização Institucional

A CDC, como já foi referido, é uma IPSS que procura desenvolver a sua ação sempre com o objetivo de fornecer as melhores condições e respostas para todos os dela necessitem, tendo um conjunto de respostas aos mais diversos níveis, localizados ao longo da Diocese de Coimbra. Procura sempre inovar e promover as melhores práticas para poder realizar um trabalho eficaz nas seguintes áreas:

- Infância e educação; através de infantários, creches, Centros de Atividades de Tempos Livres (CATL) e ações de prevenção nas escolas;
- Toxicodependência, através de Centro de Dias, comunidades terapêuticas, apartamentos de reinserção, Equipa de Intervenção Direta (EID) e Equipas de Ruas;
- Saúde, através do Centro ViHda +, Unidades de Cuidados de Longa Duração, Clínica de Medicina Física e Reabilitação, Internamento para Grandes Dependentes, Apoio Domiciliário Integrado, entre outras;
- Mulheres em risco social, através de Centros de Dia, Comunidades de Inserção;

- Intervenção em bairros sociais, através de equipas inseridas nestes contextos, como o Centro Comunitário S. José (CCSJ) e o Centro Social S. Pedro (CSSP)
- Apoio social, através da atribuição da prestação do RSI, Centros de Apoio Social e da Rede Local de Intervenção Local (RLIS), tem como objetivo dar resposta aos problemas sociais, através da colaboração com os serviços e respostas já existentes na comunidade, para as pessoas e com as pessoas.
- Pastoral, onde se procura apoiar as comunidades paroquiais;
- turismo social, através da utilização de espaços para a realização de atividades da C.D.C, como acampamentos, atividades de CATLs, entre outros.
- Idosos, através de Estruturas Residenciais para Pessoas Idosas, de Centro de Dia, Apoio Domiciliário.

Em relação aos equipamentos específicos da CDC onde foi realizado o estágio encontram-se ambos na área de intervenção em bairros sociais, tendo também as vertentes de apoios social tanto no CCSJ como no CSSP.²

2

Informação consultada no site da Cáritas Diocesana de Coimbra, em <http://www.caritas.pt/site/coimbra/>

1.1-Centro Comunitário S. José

1.1.1 Historial/ Localização

Em 1990 a CDC foca-se na atuação em bairros sociais. Surge então o CSSP, no Bairro do Ingote, com a resposta social de CATL, que depois traz outras respostas como o CD e SAD para idosos, a Creche.

O CCSJ entrou em funcionamento em abril de 1998, mas já em 1995 a CDC procurou criar parcerias com entidades como a Câmara Municipal de Coimbra e a Segurança Social para poderem candidatar-se a medidas para apoiar a intervenção em comunidades, nomeadamente na zona de Eiras (que englobava o Bairro da Rosa, Brinca, Ingote, Relvinha e Loreto).

Em 1996, com a construção do Bairro da Rosa procurou-se realojar diversas famílias numerosas e bastante distintas a diversos níveis provenientes de vários pontos de Coimbra e de outros bairros de habitação social da zona como o Bairro do Ingote, Brinca, Relvinha e Loreto.

Como se pode consultar no site da CDC, o trabalho comunitário foi-se desenvolvendo “Considerando-se imprescindível a existência de um espaço físico (Centro Comunitário) próprio para o desenvolvimento, promoção e formação das populações destes bairros periféricos e depois de um trabalho conjunto entre técnicos da Câmara Municipal de Coimbra, do Serviço SubRegional de Coimbra do C.R.S.S. do Centro e da Cáritas Diocesana de Coimbra, com o apoio da Medida 5 do Sub-Programa INTEGRAR, foi possível adaptar a subcave do Bloco IV do Bairro da Rosa, com uma área de 785m², para este fim (sob o nome de Centro Comunitário de S. José), que viria a entrar em funcionamento em Abril de 1998.”³

³ Informação consultada no site da Cáritas Diocesana de Coimbra, em <http://www.caritas.pt/site/coimbra/>

Este centro começou com três projetos integrados em medidas do Subprograma INTEGRAR e que consistiam em cursos de Formação Profissional de Reparação de Equipamento Doméstico e Pintura Cerâmica, o projeto comunitário “Espaço para Viver” e um outro conjunto diversificado de atividades ocupacionais. De seguida procuraram abordar a questão do desemprego, através de levantamento de situações de desemprego e respetivo encaminhamento e o desenvolvimento de trabalhos com a população jovem através do surgimento do Centro de Atividades Juvenis (CAJ). Ao longo dos anos até aos dias de hoje foram procurando reforçar este trabalho com acordos com outras entidades e com o investimento em outros projetos que pudessem trazer mais valias para os beneficiários do CCSJ.

1.1.2-População- Alvo e Objetivos do CCSJ

Como já foi referido anteriormente, inicialmente, as principais populações alvo de intervenção da CDC neste contexto geográfico foram as minorias étnicas, porém, os tempos foram mudando, novos contextos foram surgindo e a sociedade, não conseguindo acompanhar esta evolução dos tempos, deparou-se com realidades preocupantes: muitas situações de desemprego ou emprego precário, doença ou invalidez, que vieram contribuir para uma maior estigmatização (Goffman, 1988) desta zona do Planalto do Ingote.

Através da sua intervenção, o CCSJ procura centrar o seu trabalho nos seguintes objetivos:

- Implementar e desenvolver um trabalho integrado e multidimensional que permita às famílias, económica e socialmente desfavorecidas, uma melhor inserção social;
- Aprofundar o conhecimento das características e problemáticas da população alvo;
- Integrar a população, realojar e promover a integração de outros grupos na comunidade;
- Promover o desenvolvimento pessoal e a autoestima de quem recorre a estas respostas;
- Desenvolver redes de parceria e rentabilizar os recursos existentes;
- Promover a participação da população no desenvolvimento de projetos;
- Promover o acesso à formação profissional e ao mercado formal do trabalho;
- Criar respostas adequadas às características e necessidades da população;

1.1.3 Áreas de Intervenção

O CCSJ possui um conjunto de equipamentos para poder atuar nas mais diversas áreas:

- **CACE** – Centro de Atividades com Estudo: é constituído pelo CAJ, pelo CATL e pela SE. O CAJ é um espaço do CCSJ que promove um conjunto de atividades para jovens com idades compreendidas entre

os 10 e os 17 anos, procurando desenvolver competências sociais e pessoais. O CATL tem como objetivos acolher as crianças entre os seis e os dez nos tempos não preenchidos com atividades escolares; apoiar as crianças, nomeadamente os que têm problemas familiares; proporcionar atividades, individuais e de grupo, que favoreçam o pleno desenvolvimento de cada criança, promover estilos de vida saudáveis através de discussão/informação de fatores protetores e de risco, capacitando-os para tomadas de decisão mais efetivas e responsáveis. A SE procura acompanhar crianças e jovens, tanto através de atividades lúdicas como pelo apoio no percurso escolar de cada um;

- **Serviço de Atendimento Social:** realiza o acompanhamento social da população através do Serviço de Acompanhamento Social, do Serviço de Acompanhamento de Beneficiários do Rendimento Social de Inserção, do Serviço e Educação Social e do Serviço de Animação Sociocomunitária;
- **Equipa de Intervenção Direta (EID:** procura intervir principalmente com população toxicodependente (e as suas famílias) e com problemas de desajustamento social. Também procura trabalhar com projetos que tenham como objetivo complementar as respostas oferecidas à comunidade onde a equipa está inserida;
- **Projetos:** O trabalho realizado no CCSJ procura uma maior aproximação e participação da população na sua própria intervenção, promovendo alguns projetos comunitários. Entre eles temos o *CriArte*, que, em parceria com outras entidades (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (FPCEUC), Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra. (APCC), Associação Social Recreativa e Cultural Cigana (ASRCCC)), procura desenvolver

capacidades que permitam uma maior autonomia e possibilidade de empregabilidade de mulheres residentes em bairros sociais, nomeadamente mulheres de etnia cigana, desenvolvendo uma linha de produtos profissionais e diferenciadores; o *Sementes do Saber*, que visa o apoio de crianças e jovens em situação de carência económica da Diocese de Coimbra, entre os 6 e os 17 anos, na aquisição de livros e material escolar e que decorre desde 2011; as Oficinas Ocupacionais, em que os principais participantes são os beneficiários de RSI e consiste num conjunto de atividades que permitem o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e artísticas.

1.1. Centro Social S. Pedro

1.2.1 Historial

O CSSP é resultado de um conjunto de necessidades com que a CDC se deparou quando, em 1989, investiu no trabalho comunitário no Bairro do Ingote, contando com uma educadora social que tinha como objetivo principal criar condições para uma maior integração da comunidade, tanto a nível social como cultural. Percebendo esse grande conjunto de necessidades que era importante trabalhar, surge, então, o CCSP, com um espaço cedido e com respostas sociais para crianças, o CATL e para os idosos, o Centro de Dia. Um ano depois surge o SAD. Ao constatarem que o espaço que lhes tinha sido cedido não era suficiente para dar resposta às necessidades da população, efetuou-se um alargamento dessa mesma estrutura. Com a melhoria do espaço realizada, o CSSP realizou um acordo com o Centro Regional da Segurança Social para que pudesse ter um berçário e creche para 30 crianças com idades entre os 3 meses e os 3 anos. Esta equipa também

fornecia refeições para todos os centros da CDC que possuíam um CATL e para o jardim de Infância público. A resposta de CATL começou no CSSP, mas por diversas razões, acabou por ser integrado no CCSJ, no Bairro da Rosa.

1.2.2 População Alvo e objetivos do CSSP

A intervenção do CSSP foca o seu trabalho na população idosa, através do Centro de Dia e Serviço de Apoio Domiciliário; na área infância, com a creche e berçário e no apoio social, através da Cantina Social.

O CSSP procura trabalhar de forma a que os utentes possam ter um papel ativo na promoção de um envelhecimento ativo, fazendo um trabalho conjunto com os utentes e com os colaboradores de forma a que todos se entrem ajudem e trabalhem para o mesmo fim, tendo como objetivo central o desenvolvimento das suas competências e potencialidades.

1.2.3 Áreas de Intervenção

Hoje em dia o CSSP continua com as seguintes respostas:

Na área do idoso:

- ❖ Centro de Dia, com 34 utentes;
- ❖ Serviço de Apoio Domiciliário, com 65 utentes, proporcionando um conjunto de atividades diárias adaptadas aos gostos e vontade dos utentes e promovendo momentos de interação com outras respostas do CSSP e de outros equipamentos da CDC.

Na área da infância

- ❖ creche, que tem capacidade para 30 crianças;
- ❖ Berçário

Na área social:

- ❖ Cantina Social, que fornece refeições a famílias carenciadas.

2.Descrição de Atividades

Tendo em conta o funcionamento dos dois locais do estágio, foi proporcionada a oportunidade de participar nas atividades de cada equipa. Algumas eram específicas de cada local (existindo algumas que promoveram a interação entre as populações e outras estavam relacionadas com a investigação.) Todas estas atividades permitiram um maior conhecimento sobre as crianças, os idosos, os seus contextos e de como é que se relacionam perante situações de interação, facultando informações pertinentes para o planeamento das atividades da investigação.

2.1 Atividades Gerais

2.1.1 CCSJ

Reuniões multidisciplinares

Ao longo do estágio surgiu a oportunidade de assistir a reuniões multidisciplinares, nomeadamente no C.C.S.J. Estas reuniões juntavam os colaboradores do C.C.S.J onde discutiam as atividades que tinham a cargo, tratavam do planeamento das atividades que iriam constar no plano de ação da CDC 2017 e das atividades que ainda faltavam realizar e que constavam do plano de ação de 2016. Dessa forma houve distribuição de tarefas para a realização dessas atividades. Para além das atividades, também se fez avaliação de casos que requeriam especial atenção e opinião de outros profissionais. Foi das atividades mais enriquecedoras deste estágio, pois realmente existiu a oportunidade de perceber a importância de fazer este tipo de reuniões e ter opiniões de diversas áreas, pois leva a tomadas de decisões mais consistentes e completas e como diz Luísa Ferreira: *“Um aspecto essencial da prática do trabalho social em qualquer área de intervenção (...) é o domínio de técnicas de trabalho em equipa”* (2001: 181)

Existem as reuniões gerais, que envolvem toda a equipa do centro, as tais reuniões multidisciplinares e depois existem as reuniões específicas das respostas do CCSJ como as reuniões do CACE, das técnicas de Serviço Social, da EID.

Sala de Estudo (SE)

Durante o período de estágio houve também um acompanhamento do trabalho feito na Sala de Estudo com uma maior frequência desde a mudança do espaço do CATL para a SE. Foi um trabalho exigente pois eram dinâmicas de funcionamento diferentes, mas que se procurou conjugar da melhor forma possível.

Na SE constatou-se que existia uma real preocupação em acompanhar as crianças, perceber quais as suas principais dificuldades e potencialidades para que, no final, conseguíssemos fazer um acompanhamento adaptado as necessidades encontradas. Contudo, as presenças das crianças eram irregulares pois tanto podiam estar presentes 10 crianças num dia, que dificultava esse acompanhamento mais individualizado, como podíamos ter duas ou três crianças e dessa forma, com um número mais reduzido, podíamos realizar o trabalho, que também era facilitado pela presença de três estagiárias, um psicólogo e uma animadora. Desde acompanhamento na realização dos trabalhos de casa e na utilização de computadores até a realização de jogos didáticos, o trabalho, nesta resposta social, permitiu uma maior aproximação e conhecimento das crianças, dos seus contextos e dificuldades.

A SE funciona das 17:00 às 18:00 para o 2 e 3º ciclo e das 18:00 às 19:00 para o 1º ciclo.

CATL

O trabalho no CATL teve várias vertentes: planeamento das atividades diárias das crianças, inscrição de crianças, atualização de processos, realização de inquéritos, preparação de ocasiões festivas e dias

comemorativos, muitas vezes em colaboração com as outras respostas do CCSJ. Este tipo de atividades foi importante para o estágio e para a concretização dos objetivos propostos na medida em que permitiram um maior conhecimento sobre as crianças, facilitando a aproximação e a criação de atividades específicas.

- **Ocasões festivas e dias comemorativos**

Realizaram-se algumas atividades para dias comemorativos como o **Magusto, Halloween, dia da Mãe, dia da Não Violência escolar, Dia do Pai, dia da Mulher, Natal, Carnaval, Páscoa**, onde houve toda uma preparação de atividades para as crianças, de acordo com a temática de cada dia. Houve também a realização de passeios, participação no desfile de carnaval, aula de defesa pessoal, entre muitas outras atividades e, dentro destas, existem algumas que é necessário focar:

❖ **Magusto**

Começou com o planeamento da atividade, preparação das decorações e o convite a entidades da zona como o CSSP, a Escola EB1 do Ingote.

Entre a dramatização da lenda de S. Martinho feita pelos utentes do CSSP e as decorações elaboradas pelas crianças do CATL do CCSJ, houve também direito às tradicionais castanhas.

Foi a primeira atividade que permitiu ver a interação entre as crianças do CATL do CCSJ e os idosos do CSSO, observando que a relação entre eles

era quase inexistente e que embora houvesse recetividade dos idosos em conviver com as crianças, essa vontade não era recíproca pois era notório que as crianças não se sentiam à vontade com os idosos. Uma das razões que podem justificar isto é que, como podemos observar nas entrevistas exploratórias, existem mais idosos que têm um contacto mais frequente com crianças, do que crianças com idosos (ver *Apêndice IV*)

❖ Natal

Na época natalícia, houve diversas atividades, como a decoração das rotundas do planalto do Ingote, a decoração do centro, a festa de Natal, que contou com a presença dos moradores do planalto do Ingote, dos utentes do CSSP, da EB1 do Ingote e que consistiu em diversos momentos: apresentação do presépio comunitário CCSJ e da música criada pelas crianças do CATL, músicas cantadas pelas crianças da escola e pelos colaboradores do CCSJ e prova de doces de Natal.

Durante esta época festiva, preparou-se atividades para as crianças realizarem nas suas férias de natal, preparou-se uma música para apresentar na festa de Natal dos CATL da CDC, em Cantanhede. Também foi possível participar na elaboração dos cabazes de natal para as famílias mais carenciadas.

Estas atividades permitiram compreender o contexto onde o local de estágio está inserido e, por conseguinte, a população com quem se trabalhou para a realização dos objetivos estabelecidos. Foi nestas férias que se realizou a primeira atividade específica planeada pela estagiária e que posteriormente será abordada de forma mais aprofundada.

Serviço de Atendimento Social

Das 14:00 às 19:00 realizava-se as restantes horas no CCSJ mas as crianças só frequentavam o CATL a partir das 17:30, em horário escolar, por isso aproveitaram-se alguns momentos para ter algum contacto com a equipa de Serviço Social. Foi possível assistir e realizar alguns atendimentos, aquando da Celebração de Consentimento do Fundo Europeu de Auxílio às Pessoas Mais Carenciadas (FEAC) para atribuição de bens alimentares e de conhecer alguns utentes do CCSJ, sendo que alguns eram familiares de crianças do CATL. A equipa de Serviço Social deu também oportunidade de participar na atualização dos Planos de Intervenção Individual (PII)

Esta atividade foi importante por dois motivos: conseguir pôr em prática os conhecimentos adquiridos na área profissional da estagiária e conhecer os contextos familiar das crianças.

Oficinas ocupacionais

Outra das atividades proporcionadas pelo CCSJ foi a participação nas Oficinas Ocupacionais. A orientadora da estagiária era a responsável pela programação e realização das atividades dessas mesmas oficinas, também conhecidas como Oficinas Ocupacionais. Ela tinha de programar cada sessão para os beneficiários do RSI (naquelas oficinas, quem as frequentavam eram apenas beneficiárias do género feminino). Desta forma, surgiu a possibilidade de, no âmbito do estágio, dar algum apoio nessas atividades. Ao longo do trabalho, as senhoras conversavam sobre o seu quotidiano,

sobre as famílias e preocupações, o que foi interessante porque deu para perceber um pouco sobre a sua vida e o impacto que este tipo de atividades têm nelas e conseqüentemente nas suas dinâmicas familiares.

Divulgação dos resultados do projeto CriArte

O projeto “*CriArte*” funciona através de parcerias e procurar promover a aquisição de determinadas competências em mulheres residentes em bairros sociais. O resultado deste projeto foi apresentado dia 27 de abril, no *Alma Shopping*. Juntamente com as outras estagiárias que estavam a realizar o seu estágio no CCSJ, ajudou-se a preparar o espaço e assistiu-se à intervenção dos parceiros, à apresentação dos resultados e produtos criados e à entrega de diploma às participantes de RVCC – Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências- equivalente ao 6º ano de escolaridade.

Idas à escola

No âmbito do trabalho realizado por uma das colegas estagiárias, surgiu a oportunidade de, em certas ocasiões, ir até a escola acompanhá-la e auxiliá-la nas suas atividades. Foi deveras positivo pois possibilitou a recolha de um conjunto de informações sobre as crianças, nomeadamente no concerne ao seu relacionamento com a escola e a conciliação com os seus contextos familiares. Como nos diz Pedro Silva, “Tenho definido também a relação escola-família como sendo uma relação entre culturas (a cultura escolar, maioritariamente letrada, urbana e de classe média, e a cultura local), o que pode levar a situações de continuidade cultural e social, mas também

de distância, de ruptura ou de choque cultural, ou ainda de aculturação e de violência simbólica.” (Silva, 2010: 450)

2.1.2.CSSP

Animação

Muitas das atividades realizadas no CSSP foram no âmbito da animação dos utentes de CD, que permitiram uma maior aproximação aos utentes, permitindo recolher informações para a investigação e uma maior cooperação na realização das atividades do estágio. Assumimos estas atividades como muito importantes seguindo a premissa de Luis Jacob: “A animação de idosos, em específico, define-se, de uma forma geral, na maneira de actuar em todos os campos do desenvolvimento da qualidade de vida dos mais velhos, um estímulo da vida mental, física e afectiva da pessoa idosa. A animação representa um conjunto de passos com vista a facilitar o acesso a uma vida mais activa e mais criadora, à melhoria nas relações e comunicação com os outros, para uma melhor participação na vida da comunidade de que se faz parte, desenvolvendo a personalidade do indivíduo e a sua autonomia.” (Jacob, 2007: 6)

Assim, estas atividades serviram, para que estabelecêssemos relações de proximidade cada vez maiores com os “nossos idosos” o que nos permitiu conquistar a sua confiança e empatia.

Atividades didáticas

Desde jogos de memória a momentos de exercício físico, existe uma valorização da promoção do desenvolvimento das capacidades dos utentes, observando que é uma das grandes prioridades do CSSP. Houve horas do

conto, momentos de escrita, experiências científicas, momentos musicais, entre tantas outras coisas. Através destes jogos foi dada a oportunidade de conhecer os gostos e potencialidades dos utentes além de ter permitido uma maior aproximação aos mesmos. “Nesta perspectiva que entende o envelhecimento como um processo a ocorrer ao longo da vida, a manutenção do bem-estar e da qualidade e sentido da vida na terceira idade prepara-se e, neste enquadramento, afigura-se necessário levar a cabo estratégias de prevenção e promoção de um envelhecimento ativo e bem sucedido, ou seja, desenvolver modalidades de intervenção educativa com vista a sensibilizar e consciencializar os indivíduos para a importância das estratégias de melhoria do seu estado de saúde, para a sua participação na sociedade, para a manutenção da rede de relações interpessoais, etc.” (Antunes & Pereira, 2014: 136)

Conversas

Desde o início do estágio que procurou-se conversar com os utentes, tanto para os familiarizar com a presença da estagiária como para que esta os pudesse conhecer melhor, permitindo perceber como poderia trabalhar com eles para as atividades do estágio e ouvir as suas histórias de vida, deveras ricas em experiências.

Acompanhamento dos idosos

Desde simples passeio pelo Ingote até idas à sede da CDC houve também algumas saídas com os utentes. Houve encontros de Idosos dos

equipamentos da CDC, que ocorreu na Igreja da Rainha Santa Isabel peças de teatro, na Escola EB1 do Ingote, cantar as janeiras no CCSJ.

Esta atividade, além de nos tornar mais próximos dos idosos, permitiu o contacto com outras realidades e profissionais de outros equipamentos da CDC e conhecer lugares históricos de Coimbra.

Consulta de dados

Nos primeiros dias de estágio foi-me permitido aceder aos dados dos utentes para perceber quem poderia participar nas atividades ou não. Dentro do CD existem utentes com determinadas condições que não permitiam a participação de forma ativa na atividade. Em relação ao SAD, existiam utentes que também beneficiavam do funcionamento do CD, e que também poderiam participar nas atividades propostas.

Organização de dias comemorativos e ocasiões festivas

Também aqui se comemorou dias festivos e ocasiões comemorativas, como o dia do pai, o dia da mãe, dia da mulher, dia de S. Martinho, Natal, Páscoa.

O dia de S. Martinho foi comemorado no CCSJ, a convite do mesmo e em que se dramatizou a história de S. Martinho. Foi aqui que se acompanhou as primeiras interações entre os dois público-alvo da intervenção (idosos e crianças)

Algumas atividades foram assinaladas através de postais, histórias, momentos musicais, decorações. Participei também na festa de Natal e na festa da Páscoa do CSSP.

2.2 Atividades Planeadas e desenvolvidas pela Estagiária

Antes de realizar a atividade houve a necessidade de fazer uma entrevista exploratória⁴ aos idosos e às crianças, que tinha por objetivo esclarecer questões relacionadas com a música e com as relações intergeracionais para uma melhor orientação da atividade. Inicialmente procurou-se saber se gostavam de música, qual a importância que lhe atribuíam, com que regularidade ouviam música, o que é que pensavam sobre a música que os idosos/crianças ouviam, se tinham alguém conhecido/familiar, que tocasse algum instrumento ou cantasse e se eles próprios tocavam algum instrumento musical ou gostavam de cantar. As restantes perguntas focaram-se sobre as relações intergeracionais, em que se procurava saber se tinham alguém mais velho/mais novo na família, como eram as relações com essas pessoas, se tinham contacto com pessoas mais velhas/mais novas fora do seu contexto familiar e como é que era essa relação.

No que se refere aos idosos, a grande maioria dos que foram entrevistados⁵ valorizam a música, principalmente por ser algo que lhes faz companhia e em relação às interações com crianças a maior parte deles têm ou já tiveram contacto com crianças, tanto dentro como fora do contexto familiar.

⁴ Consultar *Apêndice II*

⁵ Consultar *Apêndice III*

No que diz respeito às crianças (foram sete entrevistadas) todas elas atribuem grande importância à música, sendo que a maior parte delas não sabe explicar porque é que a música é importante para elas. Quando se fala da questão do contacto com idosos, poucos são aqueles que têm contacto com idosos fora do contexto familiar, apesar de todos referirem que têm familiares idosos, variando depois nas respostas quando se pergunta em relação ao contacto com os mesmos.

2.2.1 Oficina Musical

A primeira atividade realizada e planeada pela estagiária denomina-se “Oficina Musical, ocorreu no dia 29 de dezembro de 2016, teve lugar no CSSP com uma duração de 1 hora. Esta atividade contou com sete crianças do CATL do CCSJ e quinze idosos do CD e do SAD do CSSP para a realização da atividade.

Os objetivos estabelecidos para esta atividade foram os seguintes:

- Avaliar o grau de interação entre os idosos e as crianças;
- Utilizar a música como veículo de mediação entre estas duas populações, procurando promover a mudança e a transformação de ambas as partes e criando pontes de convergência;
- Perceber se a música tem algum impacto no desenvolvimento de relações entre as crianças e os idosos;
- Promover a interação cultural de cada uma das partes, através da apresentação e do ensino de uma música representante de cada uma das gerações.

Depois de se fazer a contextualização iniciou-se a atividade. As 7 crianças participantes deixaram as instalações do CCSJ por volta das 14:15

e estavam todas visivelmente entusiasmadas com a atividade, havendo mesmo quem se tivesse “aperaltado” para a ocasião. Aquando da chegada das crianças ao CSSP havia uma receção calorosa por parte dos 15 idosos que participaram na atividade. A maioria das crianças, no entanto, sentiu-se acanhada e começaram a criar alguma resistência, cumprimentando os idosos, mas de uma forma muito distante, procurando de imediato ir ter com a estagiária e a animadora, procurando refúgio. Sugeriu-se que se sentassem em lugares vagos que existiam perto dos idosos, mas apenas uma criança aceitou essa sugestão sem colocar grandes entraves, integrando-se facilmente. Os restantes acabaram por se juntar aos idosos, mas de uma forma um pouco mais reticente, tendo havido duas crianças que acabaram por conversar com os idosos, que procuravam incentivá-los a interagir, fazendo-lhes algumas perguntas de circunstância, mas as restantes crianças continuaram com as suas barreiras em relação aos idosos e à interação com eles.

Depois de estarem todos nos seus lugares, começaram as apresentações musicais em que os idosos apresentaram uma música tradicional de Coimbra (chamada “Amendoeira”), tocada e cantada por eles, quando eram mais novos, nos trabalhos no campo. As crianças apresentaram, depois de alguns problemas que foram surgindo na escolha da música, uma música natalícia chamada “Broas de Mel”.

As apresentações foram feitas e procurou criar-se quatro grupos mistos para que as crianças ensinassem a sua música aos idosos e os idosos ensinassem a sua música às crianças. Das sete crianças houve apenas uma que se integrou logo num dos grupos com os idosos, pegou num instrumento e começou a cantar a música natalícia que apresentaram para os idosos que, por sua vez, o iam acompanhando com palmas. As restantes crianças, tiveram que ser orientadas pela estagiária e pela animadora e continuavam

com alguma resistência à interação com os idosos, ensinando apenas a música se a estagiária ou a animadora estivessem junto delas. Os idosos começaram a aprender a letra (mais facilmente a do refrão), e começaram a acompanhar. As crianças continuaram a cantar, acompanhados pelos idosos, desta vez de forma um pouco mais descontraída. Posteriormente os idosos procuraram ensinar, às crianças, a letra da música que interpretaram. As crianças foram tentando acompanhar e cantarolaram, perdendo um pouco daquela resistência inicial ao longo do desenrolar da música e das indicações que os idosos iam dando.

As ajudantes de ação direta do CSSP que ajudaram também na realização e dinamização da atividade começaram a cantar outra música de carácter popular “No alto daquela serra” que, para enorme espanto da estagiária, as crianças acompanharam, juntamente com os idosos, sem dúvidas ou hesitações e de uma forma alta e clara.

No final, as crianças, que no início se mostraram mais reticentes à interação com os idosos, acabaram por perder aquela inibição inicial e a interação com os idosos acabou por ser plenamente conseguida.

2.2.2(Re)Construção Musical

Esta atividade foi realizada no dia 11 de abril de 2017, no CCSP, com duração de 1 hora e contou com seis crianças do CATL e seis idosos do CD e do SAD.

A atividade consistiu na escolha de uma música popular conhecida por todos os participantes (o “Alecrim”). Eles teriam de ouvir e, caso quisessem, podiam acompanhá-la cantando. De seguida, criavam-se alguns grupos mistos para que, depois de recortada em papel a letra da música para

cada grupo, estes teriam de reconstruir a música conforme se lembrassem e no final apresentar o resultado final, mesmo que não fosse igual à letra original.

Os objetivos desta atividade foram os seguintes:

- Continuar o desenvolvimento das relações entre os público-alvo começado na atividade anterior;
- Perceber qual o impacto do espaço de tempo entre a primeira atividade e esta;
- Promover o trabalho em equipa;
- Estimular as capacidades cognitivas de ambos os público-alvo.
- Perceber o papel da música como mediador das relações entre estes dois público-alvo.

Deixámos as instalações do centro por volta das 14:45 e fomos a pé, acompanhando as crianças, até ao C.S.S.P onde os idosos já nos esperavam, para a realização da atividade. Quando se chegou ao local, as crianças ficaram algum tempo no átrio, com os idosos e com os animadores, enquanto a estagiária preparou a logística necessária na sala, nomeadamente o computador e as folhas com as letras. Depois disso, chamaram-se as crianças e os idosos. Algumas crianças sentaram-se em cadeiras ao pé dos idosos e outras retraíram-se um pouco, ficando junto à estagiária e aos animadores. De salientar que, em relação à primeira atividade, houve duas crianças novas a participar e outras duas que foram à primeira atividade e que nesta não puderam participar.

Depois do material preparado, explicou-se no que consistia a atividade e passou-se à formação dos grupos. Tendo em conta o contacto com os dois públicos, optou-se por serem os animadores e a estagiária a formar os grupos, tendo em conta que esta já sabia quem eram os idosos com mais possibilidade de participar na atividade e as crianças iriam escolher

apenas outros elementos com quem se sentiriam mais seguras. Alguns idosos, que tinham referido que participariam, quando se fez a primeira abordagem acerca da atividade recuaram nas intenções de participar. Esse constrangimento não foi impeditivo da realização da atividade pois conseguiu-se, na mesma, fazer três grupos mistos, com dois idosos e duas crianças. Tocou a música com que iriam trabalhar, o Alecrim (conhecida por toda a gente, apesar da hesitação das crianças quando falei do nome da música, que pensavam que não a conheciam até ela tocar) e, a pedido de todos, repetiu-se a música para tentarem fixar a letra. A seguir, os grupos mistos (idosos e crianças) juntaram-se e começaram a conversar entre si. Desenvolveu-se uma dinâmica colaborativa muito interessante pois enquanto os idosos tentavam cantarolar a música as crianças tentavam escrever a letra e colar os pequenos pedaços de papel com a letra.

A atividade decorreu sem problemas, com uma boa interação entre ambas as partes e por volta das 15:30, os grupos acabaram de reconstruir a letra e foram apresentar o resultado, sem levantar nenhum problema ou constrangimento. Cada grupo cantou a sua letra de forma uníssona, ainda que não houvesse nenhuma letra que estivesse completamente igual à letra original. No final das apresentações tocou-se a música original para que percebessem as diferenças entre as suas letras e a letra original. Todos acompanharam alegremente a música. Foi interessante constatar que as crianças foram todas, sem reservas e por iniciativa própria, despedir-se dos idosos

2.2.3 A(Voz) e Netos – Concurso Musical

Esta atividade realizou-se no dia 18 de abril de 2017, no CCSJ e inspirou-se no programa “The Voice”⁶, a atividade consistiu nas crianças e idosos cantarem uma música, perante um painel de jurados misto (crianças, idosos, animadores) e, caso gostassem da prestação de quem atuou, apitavam e viravam a cadeira, tal como no programa de televisão. Se houvesse mais de um jurado a virar a cadeira e conseqüentemente a querer ficar com o cantor, tinham de argumentar, para que, quem cantou o escolhesse como mentor. Procurámos criar um conjunto de interações, através da interpretação destes diversos papéis, utilizando a música como ferramenta da promoção da comunicação entre todas as partes.

Os objetivos estabelecidos para esta atividade foram:

- Promover a interação entre os dois público-alvo, continuando o trabalho realizado nas outras atividades;
- Promover momentos de lazer e interação aos idosos e às crianças;
- Perceber se a música, num contexto de concurso, continua a ser um veículo de mediação entre estas duas populações;

Nesta atividade foram os idosos do CSSP a deslocarem-se até ao CCSJ, para o espaço do CAJ (Centro de Atividades Juvenis) onde se iria realizar o “(A)voz e Netos”, concurso musical intergeracional. Do CSSP participaram 9 idosos, do CATL participaram 8 crianças. A atividade tinha sido planeada para os idosos e para as crianças do CATL, porém, na semana

⁶ Programa transmitido pela RTP e adaptado do programa original holandês “The Voice of Holland”, criado pelo produtor televisivo John de Mol, cujo conceito é o de encontrar o melhor concorrente (cantores solo, duetos ou trios, com 15 anos de idade ou mais) entre os selecionados em audições, com inscrições abertas ao público. A partir dessa seleção, os concorrentes procuram cativar o painel de jurados com a sua voz entrando no programa se, pelo menos, um dos 4 júris virar a cadeira.

anterior à realização da atividade, alguns jovens do CAJ mostraram interesse em participar e, dessa forma, foram incluídos na atividade. Assim, participaram na atividade as crianças do CATL, os idosos do C.S.S.P e os jovens do CAJ, o que não interferiu na observação das interações entre as crianças e os idosos.

Ao início do dia, os animadores e as crianças preparam a sala, enquanto a estagiária esteve no CSSP, com os idosos, a ultimar os preparativos para a atuação deles. As crianças chegaram às 14:00. Estavam muito nervosas, mas todas arranjadas/produzidas para a atuação. Os idosos chegaram por volta das 14:30, sendo encaminhados de imediato para a sala onde iria decorrer a atividade. As crianças ajudaram a orientar e sentar os idosos tendo o cuidado de os manter confortáveis. Antes de começar o concurso criou-se um painel de jurados para as crianças (constituído por uma das animadores e três idosos do CSSP).

As duas primeiras crianças iniciaram a atividade, mas estavam muito nervosas. Quando terminou a atuação, todas as cadeiras estavam viradas para elas e os jurados falaram com elas, incentivando-as a integrarem a sua equipa, imitando a rivalidade amigável entre os jurados do programa “The Voice”. Uma das idosas que se mostrou reticente em participar na atividade, acabou por ter uma participação muito ativa como jurada. Enquanto iam decorrendo as atuações, houve a oportunidade de observar as interações que se estabeleciam entre as crianças e os idosos do público. A criança que mais interagiu com os idosos é aquela que, desde o início, se mostrou mais recetiva a este tipo de atividades. As crianças e os adolescentes foram cantando, alguns com mais facilidade em cantar perante o público do que outras, mas houve sempre um bom feedback das interações entre as crianças que atuavam e os jurados, nomeadamente os mais idosos.

Depois de todas as crianças terem atuado, foi a vez dos idosos cantarem e houve crianças no painel de jurados, que não era fixo. As crianças, depois das suas atuações, acabaram por dispersar um pouco dificultando um pouco a dinâmica das atuações. Também houve problemas pois todas as crianças queriam ser jurados e estavam a ter pouca paciência para esperar pela sua vez. Começaram então as atuações dos idosos, as crianças que integravam o painel de jurados iam rodando as cadeiras pelos idosos, dando-lhes apoio e encorajamento para continuarem a cantar. Houve uma utente do CCSJ, para finalizar a atividade, a cantar uma música e houve uma idosa do CSSP, que estava no público, que pediu para cantar uma música. Algumas crianças, que não estavam a participar no júri, foram acompanhando as músicas que os idosos cantavam, cantando e dançando aquelas que conheciam. No final, os idosos e as crianças despediram-se de forma calorosa.

2.2.4 Canções Intergeracionais

Esta atividade foi a última desenvolvida no estágio. Realizou-se no dia 18 de maio de 2017, no CSSP. Teve uma duração de 1 hora e meia e contou com as crianças da EB1 do Ingote, com os utentes do CSSP, com o animador do CCSJ, a animadora do CSSP, a diretora técnica do CSSP e as colaboradoras do CD do CCSJ.

Esta atividade consistiu na apresentação de uma música por cada população (idosos do C.S.S.P) e as crianças do CATL do Centro Comunitário S. José, sendo que as crianças cantaram uma música previamente identificada com os gostos musicais dos idosos e os idosos cantaram uma música previamente identificada com os gostos musicais das

crianças. O objetivo primordial desta atividade era o cimentar das relações entre estas duas populações, utilizando a música como ferramenta de mediação intergeracional.

Os objetivos pretendidos para esta atividade foram os seguintes:

- Continuar o desenvolvimento das relações entre os público-alvo começadas nas atividades anteriores, através de apresentação de músicas interpretadas pelos público-alvo desta investigação;
- Promover um momento de lazer e convívio para todas as pessoas envolvidas neste estágio através da música e de um lanche partilhado;
- Apresentar uma realidade cultural diferente a estes público-alvo, através da atuação de uma tuna académica (Tum'Acanénica), da qual faço parte;

Para começar é preciso dizer que a atividade teve de ser adaptada pois um dos grandes objetivos para esta atividade não foi possível realizar e que consistia em trazer a Tum'Acanénica, Tuna Mista da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria e da qual a estagiária faz parte, para poder apresentar uma realidade cultural um pouco diferente das populações participantes. A Tum'Acanénica não pode comparecer na data prevista e ainda se pensou noutras alternativas mas, no final, esta vertente da atividade teve de ficar sem efeito. A atividade era para ser realizada no C.C.S.J, mas depois de uma conversa com a supervisora do C.S.S.P e depois com o do C.C.S.J percebeu-se que seria mais vantajoso para ambas as partes realizar a atividade no C.C.S.P. (ficava perto da escola das crianças e não condicionávamos o numero de participantes da parte dos idosos pois assim não seriam precisas carrinhas para os levar).

Às 14:30 as crianças começaram a chegar e os idosos começaram a ocupar o átrio de entrada do C.S.S.P. Os idosos e as crianças foram-se

cumprimentando com alguma familiaridade e posicionaram-se nos seus lugares. Apresentou-se a atividade e explicou-se como se iria desenrolar.

As crianças do CATL começaram a sua apresentação da música “Cinderela” do cantor Carlos Paião, que os idosos acompanharam prontamente e com satisfação. Quando finalizaram a canção os idosos cumprimentaram-nos de uma forma efusiva e as crianças corresponderam bem a esses afetos. De seguida foi a vez de os idosos apresentarem a sua música “Tempo é dinheiro” do cantor Agir. Apesar das dificuldades sentidas nos ensaios a interpretação correu bem e contou com a participação efusiva das crianças que conheceram de imediato a música e quiseram acompanhar os idosos. Depois de terminada a apresentação das músicas, as crianças pediram para apresentar algumas danças aos idosos e no final destas danças os idosos cantaram uma música tradicional que, apesar das crianças não conhecerem, acompanharam com palmas. Terminada a atividade, as crianças falaram algum tempo com os idosos e despediram-se deles.

Reflexão Final

Consideramos que os objetivos estabelecidos para o estágio em mediação intercultural e intervenção social foram atingidos. Conseguimos perceber a importância atribuída pelas crianças e os idosos à música; Conseguimos criar as atividades musicais de forma a promover a interação entre os 2 público-alvo e conseguimos compreender se a música serviu como ferramenta de mediação, potenciadora de mudança e transformação.

Seguidamente iremos explicar de forma mais aprofundada porque temos esta convicção.

“A mediação constitui uma perspectiva de intervenção (...) ao funcionar como um processo facilitador da comunicação, quer seja entre pessoas, entre grupos, entre instituições ou entre culturas, promovendo o restabelecimento de laços sociais e a participação alargada dos cidadãos na gestão dos seus problemas” (Vasconcelos-Sousa, 2002; Schnitman & Littlejohn, 1999 in Freire, 2010: 59). Este conceito traduz o trabalho realizado ao longo do estágio: o de mediar, criar ligações, pontos de convergência entre dois público-alvo culturalmente distintos.

A planificação e realização das atividades foi desafiante. Estando em tempo letivo, as crianças só frequentavam o CATL a partir das 17:30 enquanto os idosos frequentavam o CD das 9:00 até as 16:00. Estes horários, perfeitamente incompatíveis, complicaram a organização das atividades. De forma a ultrapassar este problema e conseguir reunir os idosos com as crianças, optou-se por fazer as atividades durante as férias das crianças. Outra das grandes dificuldades sentidas neste estágio foi a irregularidade da presença das crianças do CATL. Existindo outras ofertas de atividades de tempos livres no bairro, durante o período das férias, era difícil, à partida, saber com quem contar, mesmo falando previamente sobre as atividades que

se iriam realizar. Este constrangimento levou a alguns reagendamentos das atividades. Esta adaptação constante às adversidades que foram surgindo é necessária no processo de mediação, sendo que *“cada mediador combina técnica e arte edificando um estilo próprio construído sobre um universo de significações próprias”* (Torremorell, 2008: 66).

Podemos afirmar que houve um processo de mediação intercultural entre os participantes e a música foi realmente uma ferramenta útil nesse processo. Como referem Cristina Milagre e Cristina Rodrigues (2017): *“a mediação surge como a estratégia por excelência para a promoção desta relação, deste diálogo intercultural, uma mediação perspectivada como a necessidade da presença de uma terceira parte, isenta e reconhecida pelas restantes, que facilita a comunicação, o diálogo e a aproximação das partes que, sem esta intervenção, não interagiriam «naturalmente»”* (2017: 78). Neste caso, durante o estágio, a música acabou por ser a ferramenta, a alavanca propulsora que permitiu impulsionar a comunicação e o diálogo entre estes dois público-alvo que, de outra forma, dificilmente iriam interagir e conhecer-se mutuamente.

A primeira atividade “Oficina Musical” serviu para observar os comportamentos e a relação entre os participantes, fomentar uma primeira aproximação e perceber quais os principais obstáculos e as potencialidades para a atividade seguinte. Na “Oficina Musical” a maior parte das crianças demonstraram uma maior resistência à atividade do que os idosos e isto pode explicar-se pela quase inexistente relação das crianças com idosos, fora do seu contexto familiar, que a maioria destas crianças mencionaram na entrevista exploratória. Ao contrário, a maioria dos idosos já estava familiarizado com crianças e gosta de lidar com crianças tanto dentro, como fora do seu contexto familiar. Podemos afirmar sem reservas que, através da atividade musical, houve uma diminuição da tensão sentida pelas crianças

aquando da interação com os idosos. Desta forma estamos perante o que Félix Neto e Maria Sousa referem na sua obra *A educação intercultural através da música – contributos para a redução do preconceito*: “*A música, muito para além da sua própria especificidade, tem a capacidade de interactuar com outras linguagens e outras culturas (...) A dimensão intercultural da música é, sem sombra de dúvida, factor de comunicação e de ligação [...]*” (Sousa & Neto, 2003: 35). No final desta atividade ficou patente que ainda existia muito trabalho a fazer, pois apesar de ter havido uma diminuição de tensão da parte das crianças e de se perceber que a música pode realmente servir como ponte de comunicação entre os participantes, existia ainda alguma (embora menor) resistência por parte das crianças em relação aos idosos.

Na realização da atividade seguinte, “(Re)Construção Musical”, as crianças que já tinham participado na primeira atividade estavam mais confortáveis a lidar com os idosos do que da primeira vez, cumprimentando-os de uma forma mais espontânea e na realização da atividade conseguiram realmente fazer um bom trabalho de equipa, tendo a música unido as crianças e os idosos para conseguirem atingir o fim da atividade. Devido ao espaço de tempo decorrido entre a primeira e a segunda atividade, cerca de três meses, uma das preocupações que surgiram foi que poderia haver alguma regressão nos progressos que se tinham realizado, o que acabou por não acontecer. Antes pelo contrário, notou-se uma maior facilidade de as crianças falarem com os idosos. A música funcionou assim como a ferramenta do processo de mediação entre as partes, a ligação entre os participantes. Autores como Bush e Folger (1996) mostram-nos o poder da transformação realizada por este processo, afirmando que “*Esta possibilidade de transformação tem origem na capacidade da mediação para gerar dois efeitos importantes: a revalorização e o reconhecimento*” (1996 in

Torremorell, 2008: 17) Em relação às duas crianças que integraram as atividades pela primeira vez, uma delas sempre se demonstrou reticente em realizar atividades com idosos e até demonstrava incómodo por ter de contactar com essa população. No entanto, durante a atividade, ela acabou por surpreender bastante todos os participantes (investigadora incluída) pois foi dos participantes que mais ajudou e que trabalhou sem problema e com grande cuidado e sensibilidade com os parceiros idosos da sua equipa. Foi possível perceber que as interações foram melhorando, a resistência das crianças foi diminuindo e houve uma aproximação entre os idosos e as crianças. Estamos, desta forma, muito perto do que refere Sandrina Milhano, quando afirma que:

“São vários os exemplos nos quais a arte, neste caso concreto a música, foi, e ainda é utilizada para promover sentimentos de grupo e de pertença, afinidades, partilha de ideias, sincronização entre pessoas e grupos, mas também um importante elemento de criação de uma identidade colectiva, incentivando a coesão social tendo assim o potencial de transformar-se numa marca da identidade pessoal mas também de um grupo” (Milhano, 2014: s.p)

Relativamente à terceira atividade “A(Voz) e Netos”, o feedback da parte de todos os participantes foi muito positivo. Os idosos, entusiasmados, contaram, a todos os colaboradores do CSSP, o que tinham feito durante a atividade. As crianças perguntaram insistentemente quando é que podiam voltar a repetir a atividade. Houve uma grande interação, o que demonstrou que as atividades realizadas estavam a atingir os objetivos pretendidos.

A quarta e última atividade foi o culminar de todo o trabalho realizado. Foi perceber que realmente a música é algo universal, que pode aproximar até as culturas mais diferentes e era esse um dos grandes objetivos desta investigação.

Não posso deixar de admitir que o resultado final das intervenções se revestiu de alguma surpresa pois, ao longo dos primeiros contactos, a ideia de que a mediação poderia ser promovida através da música tinha alguns obstáculos que pareciam difíceis de ultrapassar. Apesar de, através das entrevistas exploratórias, se perceber que o gosto pela música era algo comum aos dois públicos⁷, não podíamos ficar indiferentes à irregularidade da presença das crianças no CATL e à resistência inicial das crianças perante a ideia de terem de colaborar com os idosos. Daí a existência de uma preocupação inicial de não conseguir atingir os objetivos pretendidos, pois a estagiária tinha como objetivo principal que a música pudesse desempenhar a diferença na vida das crianças e dos idosos e nas suas relações, indo, desta forma, de encontro a uma das características chave do trabalho de investigação-ação: “ *As metodologias de investigação-acção permitem, em simultâneo, a produção de conhecimentos sobre a realidade, a inovação no sentido de singularidade de cada caso, a produção de mudanças sociais e, ainda, a formação de competências dos intervenientes.*” (Guerra, 2002: 52)

Depois de criar, desenvolver, observar e analisar estas quatro atividades, podemos concluir que a música, ao longo do estágio se constituiu inequivocamente como uma ferramenta da mediação intergeracional/intercultural na medida em que, se a mediação é, entre outras coisas, um trabalho constante de partilhas culturais, de construção de pontes e fundamentalmente um processo de transformação para todas as partes envolvidas, a música mostrou indícios de que pode ajudar na construção dessas pontes, entre estas gerações com diferenças distintas, facilitando essa aproximação das gerações, que pode levar a uma maior abertura na relação com “o outro”.

⁷ Consultar Apêndice III

Referências Bibliográficas

Albuquerque, C. P.; Almeida, H. N.; Santos, C. C. (2013). *Cultura de paz e mediação social: fundamentos para a construção de uma sociedade mais justa e participativa*. *Mediaciones Sociales*,12, 132-157.

Almeida, A. V. (1993). *Música*. Lisboa: Difusão Cultural.

Amado, J. (Coord.) (2014). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2.^a Edição

Antunes, M. & Pereira, J. (2014). “Animação Sociocultural e Terceira Idade”. *Da participação na cultura à cultura da participação*. *Nodo de Leiria da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural*.

A.A.V.V. (2008). *Mediación intercultural: una propuesta para la formación*. Madrid: Ed. Popular.

Bell, J. (2010). *Como Realizar um Projecto de Investigação*. Lisboa: Gradiva. 5.^a Edição.

Bernet, J. T. (2004). *Animação sociocultural: teorias, programas e âmbitos*. Lisboa: Horizontes pedagógicos, Editorial Ariel/ Instituto Piaget.

Bonafé-Schmitt, J. (2010) “Da mediação de bairro à mediação escolar: a outra mediação social.” In Correia, J. A. & Silva, A. M. C. (orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (d)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 46-58

Borba, T. & Lopes-Graça, F. (1999). *Dicionário de música (Vol. 2)*. Porto: Mário Figueirinhas Editora.

Burgess, R. G. (1997). *A pesquisa de terreno – uma introdução*. Oeiras: Celta.

Caride, J. A. (2016). “La mediación como pedagogía social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social”. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 13-25.

Carmo, F. (1990). *Introdução às ciências sociais*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

Carmo, H. e Ferreira, M. (1998) *Metodologia de Investigação – Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta

Correia, J. A. & Silva, A. M. C. (orgs.) (2010). *Mediação: (D)Os Contextos e (d)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento.

Faria, S. & Vieira, R. (2016). “Epistemologia e Metodologia em Mediação e Ciências Sociais” In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (orgs.) *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 105-124.

Ferreira, L. (2001). *Intervenção Psico-Social*. Lisboa: Universidade Aberta

Oliveira, A. & Freire, I. (2009). *Cadernos de apoio a formação sobre... a mediação socio-cultural*. Porto: Alto Comissariado para a Imigração e Minorias

Freire, I. (2010). “A mediação em educação em Portugal”. In Correia, J. A. & Silva, A. M. C. (orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (d)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 59-70

Folger, J & Bush, R. (1997) “Ideologia, orientaciones respecto del conflicto y discurso de la mediación”. In Folger, J & Jones, T. *Nuevas direcciones en mediación. Investigacion y perspectivas comunicacionales*. Barcelona: Paidós, 24-53

Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Giménez, C. (2016). “*La naturaleza de la mediación intercultural*”.
Migraciones, 2, 25-159.

Goffman, E. (1988). *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 4ª Edição

Jacob, L. (2007). *Animação de idosos*. CADERNOS SOCIALGEST N° 4

Guerra, I. C. (2002) *Fundamentos e processos de uma sociologia de ação: o planeamento em ciências sociais*. Cascais: Principia.

Guerra, I. C. (2006). *Pesquisa qualitativa e análise de conteúdo – sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.

Hargreaves, D.J., Miell, D. E., MacDonald, R.A.R (2002). “What are musical identities, and why are they importante?”. In R.A.R. MacDonald, D.J. Hargreaves, D.E. Miell (eds), *Musical identities* (p.1-20) Oxford: Oxford University Press

Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2012). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas* (5ª Edição ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Jares, X. (2002). *Educação e conflito: guia de educação para a convivência*. Porto: Edições ASA

Magno, C. (2016). *A música como estratégia de aumento da qualidade de vida de idosas institucionalizadas em lar residencial*. (Dissertação de Mestrado não editada). Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação e Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Margarido, C. (2012). *Trajectórias Pessoais e Identidades profissionais de Assistentes sociais*. Tese de Doutoramento, Lisboa: UCP

Martins, E. (2000). “A diversidade cultural e a cidadania intercultural europeia”. *Revista da Escola Superior de Educação*, (11), 49-61.

Milagre, C. & Rodrigues, C. (2017) “Mediação Intercultural: Participação dos Atores Locais para a Coesão Social”. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (orgs.) *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 75-86

Milhano, S. (2014). “Práticas musicais e artísticas e a (re)construção de identidades numa comunidade sénior.” *Da participação na cultura à cultura da participação. Nodo de Leiria da Rede Iberoamericana de Animação Sociocultural*.

Montenegro, Mirna (2008). *O Projecto Nómada e a Mediação*. In Actas do XVI Colóquio AFIRSE/AIPELF.

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em Psicologia social*. Petrópolis: Vozes. 3º Edição

Muldoon, Brian (1998). *El corazón del conflicto. del trabajo al hogar como campos de batalla, comprendiendo la paradoja del conflicto como un camino hacia la sabiduría*. Barcelona: Paidós

Villas-Boas, S., Oliveira, A., Ramos, N. & Montero, I. (2015). *Elaboração de Programas Intergeracionais. O desenho do perfil comunitário*. *Educação, Sociedade & Culturas*, 44, 31-47

Oliveira, C. (2011). *Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa*. (Dissertação de Mestrado não editada). Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.

Palmeirão, C. (2007). *O esforço do nosso tempo...* *Cadernos de Pedagogia Social*, 1, 125-134.

Peres, A. N. (1999). *Educação intercultural, utopia ou realidade?* Porto: Profedições.

Simões, E. (2014). *Música: a linguagem intercultural na aprendizagem de ele*. (Tese de Doutoramento não editada). Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

Sousa, M. & Neto, F. (2003). *A educação intercultural através da música – contributos para a redução do preconceito*. Canelas: Gailivro.

Sousa, M. & Baptista, C. (2011). *Como fazer Investigação, Dissertações, Teses e Relatórios*. Lisboa: Pactor – Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.

Silva, P. (2010). *Análise sociológica da relação escola-família*. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX: 443-464

Silva, P., Margarido, C., Pimentel, L. & Santos, R. (2016) “Mediação e Intervenção: Famílias, grupos e Comunidades”. In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (orgs.) *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento, 179-217

Six, J. (1990). *Les temps des mediateurs*. Paris: Éditions du Seuil

Sousa, M. (2008). *Música, educação artística e interculturalidade: a alma da arte na descoberta do outro* (Tese de Doutoramento não editada). Universidade Aberta: Lisboa.

Storr, A. (1992). *Music and the Mind*. Free Press

Torremorell, M. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

Vieira, A. (2014). "Intervenção Social: mediações, prevenção e resolução" *A Página da Educação*, n.º Série II, 22, 32 - 33.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (orgs.) (2017) *Conceções e Práticas de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. & Margarido, C. (orgs.)
(2016) *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto:
Edições Afrontamento

Vieira, R., & Vieira, A. (2016). “Mediações Socioculturais:
Conceitos e Contextos.” In Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A. &
Margarido, C. (orgs.) *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção
Social*. Porto: Edições Afrontamento, 27-55.

Vieira, A & Vieira. R (2016) “Competências da Mediação
Intercultural como prática da Pedagogia Social”. In Vieira, A. & Vieira, R.
Pedagogia Social, Mediação Intercultural e (Trans)formações. Porto:
Profedições, 65-70

Vieira, A. & Vieira, R. (2016). *Pedagogia Social, Mediação
Intercultural e (Trans)formações*. Porto: Profedições

Vieira, A. (2013). *Educação Social e Mediação Sociocultural*. Porto:
Profedições.

Vieira, R. (2011). *Educação e diversidade cultural – Notas de
Antropologia da Educação*. Porto: Edições Afrontamento.

Apêndices

Apêndice I – Cronograma do estágio

Cronograma de Estágio - Centro Comunitário S. José – Cáritas de Coimbra

Etapas	Número de horas	Datas
Estágio	980 horas	<ul style="list-style-type: none"> • Início: 17 de outubro 2016 • Fim: 19 de Maio 2016**
Elaboração/ Finalização do relatório de estágio	316 horas	***

Previsão do número de horas de estágio por mês

Meses	Horas/dias
Outubro	35h x 11
Novembro	35h x 21
Dezembro	35h x 12 *
Janeiro	35h x 22
Fevereiro	35h x 20
Março	35h x 23
Abril	35h x 19
Maio	35h x 9
Total horas Estágio na Instituição	980 horas

***Observação** - as duas semanas de interrupção de dia 16 a 30 de Dezembro podem vir a ser alteradas.

**acabou uma semana mais tarde para compensar dias tirados pela estagiária

Anexo II - Guião da Entrevista Exploratória

Entrevista Exploratória

Esta entrevista tem como objetivo preparar as atividades conjuntas entre as crianças do CATL do Centro Comunitário S. José e os idosos do Centro Social S. Pedro realizadas no âmbito do trabalho de investigação que irá ser feito ao longo do estágio.

Perguntas:

Gosta de música? Se sim, porquê?

Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

O que é que pensa das músicas que os jovens/idosos ouvem?

A música tem importância na sua vida?

Tem alguém na família que toque/ cante?

Já alguma vez tocou um instrumento?

Tem idosos/ crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Fora da sua família, como é a sua relação com idosos/crianças?

Anexo III – Entrevistas: CCSJ e CSSP

De formar a respeitar a privacidade dos entrevistados, os nomes referenciados aqui serão fictícios.

CCSJ

Entrevistado: Daniel

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Sim! Porque é fixe!

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

Rock. Ouço poucas vezes.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

Acho que são fixes. Eles ouvem músicas clássicas.

4. A música tem importância na tua vida?

Sim, porque é fixe.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

O meu irmão já dançou. Ninguém toca nenhum instrumento na minha família.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Só toquei bateria em casa de um amigo do meu irmão.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Tenho, mas não tenho contacto com elas.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Não.

Entrevistada: Diana

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque canto e danço.

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

Da soy Luna e do MC Pedrinho. Muitas vezes.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

Músicas antigas que são fixes.

4. A música tem importância na tua vida?

Tem, porque assim posso dançar à vontade.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Já cantei.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Tenho. Tenho uma relação boa com elas.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Não.

Entrevistado: Débora

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque é muito divertida.

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

Kizomba e Afro. Ouço música muitas vezes, todos os dias.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

É uma seca.

4. A música tem importância na tua vida?

Tem, porque gosto muito de dançar, cantar e não vivo sem música.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

Tenho, os meus primos e uma tia que toca e canta.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Não.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Tenho. Estou com elas de vez em quando.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Não, porque os idosos são uma seca.

Entrevistado: Filipe

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Gosto!

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

Soy Luna, Kizomba, B4, C4 Pedro. Muitas vezes, umas quinhentas vezes por dia.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

É má.

4. A música tem importância na tua vida?

Tem, porque eu gosto das músicas todas.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

A minha irmã toca guitarra.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Não.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Tenho, dou-me bem com elas, mas não vejo a minha avó muitas vezes, que é a mais velha.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Não.

Entrevistado: Juliana

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque é divertida!

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

Soy Luna, Mc Pedrinho e outras coisas. Não ouço muitas vezes.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

Algumas são aborrecidas e outras são aborrecidas.

4. A música tem importância na tua vida?

Sim, porque se eu ouvisse só uma vez música ia querer ouvir para sempre.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

O meu tio toca viola.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Não.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Não sei.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Tenho.

Entrevistado: Miguel

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Sim, porque aprendemos a aprender mais palavras!

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

De todos. Ouço poucas.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

Aquelas do Quim Barreiros.

4. A música tem importância na tua vida?

Não.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Não.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Tenho. Boa.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Não.

Entrevistado: Nádía

1. Gostas de música? Se sim, porquê?

Adoro, porque é fixe.

2. Que tipo de música gostas? Com que regularidade ouves música?

Músicas da Soy Luna. Ouço muitas.

3. O que é que pensas das músicas que os idosos ouvem hoje em dia?

Mais ou menos, não gosto muito.

4. A música tem importância na tua vida?

Sim.

5. Tens alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocaste um instrumento?

Não.

7. Tens pessoas idosas na família? Qual a tua relação com elas?

Tenho. Falo muito com elas.

8. Fora da tua família, tens contacto com pessoas idosas?

Não

CSSP

Entrevistado: D. Aida

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque é uma coisa alegre e eu gosto de ser alegre.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Sei lá, gosto de tanta música. Não gosto de música com muito barulho. Gosto daquela música lenta. Às vezes ouço, eu não tenho rádio a minha nora é que tem. às vezes quando dá músicas antigas peço para ouvir. Gosto muito das músicas antigas, mais que destas de hoje em dia.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Aquelas que as crianças ouvem, aquelas mais à maneira delas não gosto. Gosto mais das à nossa maneira. ...

4. A música tem importância na sua vida?

Tem, estas músicas antigas gosto muito.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Tenho a minha netinha que tem 12 anos, que aprendeu e continua a aprender violino. Fez agora antes do Natal um concerto, eu era para assistir, mas foi quando eu caí e não pude ir. Ela perguntou pela avó, mas o pai disse-lhe que a avó não podia ir. Eu vi pelo computador. Gosto muito, gosto muito de violino ...

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Eu não, só toquei pandeireta no S. João.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho muitas, 11 netos, 4 bisnetos e 6 filhos. Tenho alguns na Alemanha que estão sempre a ligar, principalmente agora que caí, estão sempre a ligar. Eu ouço os meus netos a mandar beijinhos e a desejar as melhoras.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Dou-me bem, dou-me bem com toda a gente.

Entrevistada: D. Joana

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Sim, porque fico mais satisfeita.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

De rancho e de fado. Começo logo a ouvir música de manhã, antes das oito horas ligo a televisão para saber as horas e ouvir música.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Não penso mal, a vida está mudada, não penso mal. Não ligo muito a isso.

4. A música tem importância na sua vida?

Tem, porque gosto de ouvir e fico mais satisfeita.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Tenho o meu neto que canta muito bem.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Não, nunca toquei. Cantar, era doida para cantar, mas saiu-me isso tudo de mim. Não sei porquê. Fiquei doente.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho. Muito boa.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Ou tenho ou não tenho. Quando vejo uma criança fico doida, gosto muito das crianças.

Entrevistada: D. Gabriela

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque alegre, gosto de música, de ouvir música e de dançar.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Gosto de música portuguesa. Ouço música muitas vezes, na rádio São Miguel.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Acho muito mal, andam sempre com aquilo nos ouvidos, a ouvir aquelas músicas malucas. Eu não entendo nada daquilo. Eles vão na rua nem ouvem nada.

4. A música tem importância na sua vida?

Tem.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Não, isso não.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Não. Canto em casa, no banho.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho sobrinhos e dou-me bem, quando me vêm ver.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Dou-me bem.

Entrevistada: D. Dalila

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Sim. Não sei cantar, mas gosto de ouvir.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Todo o tipo de música, mas uma mais que outra. Ouço música quando estou na cozinha.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Não percebo, não percebo essa música dos jovens de hoje.

4. A música tem importância na sua vida?

Tem, porque entra no ouvido.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Tenho uma sobrinha que tem um violino, mas não sei ela tem tocado. Nunca a ouvi.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Não.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho um sobrinho com um ano. A relação é boa, ele está muitas vezes doente. Mas eu dou-me muito bem com ele.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Gosto muito de lidar com elas

Entrevistada: D. Emília

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Gosto sim, porque quando me sinto só, a música ajuda-me e alivia-me muito os meus pensamentos. E, por vezes, os pensamentos são longos e vão parar muito longe e a música ajuda a distrair e a ir ao sítio.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Toda, eu gosto de ouvir todas as músicas. Não ouço muitas vezes, só na televisão. Eu antes tinha um rádio, que o meu genro me levou, que ligava quando me levantava e só desligava quando me deitava, de maneira que eu ouvia todas. Desde que fui para casa da minha filha, ela não gosta de estar a ouvir música, gosta de ouvir as notícias baixinho e de ler e perdi o hábito de ouvir. Ainda me deram um rádio pequeno, para eu trazer para aqui e eu tive que o dar ao meu neto, porque ela dizia que eu o deixava ligado de noite e não conseguia dormir.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

As crianças gostam muito de música.

4. A música tem importância na sua vida?

A música tem muita importância para mim.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Eu era filha única, vim para Coimbra com 12 anos para servir e depois disso fui para a costura. Nessa altura, estava em casa de uma tia e ia cantando com outras senhoras.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho, mas vejo-os só de tempos a tempos.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Gosto dela e trato-as muito bem.

Entrevistada: D. Gina

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Gosto muito de música, porque é bom animar as pessoas e eu gosto.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Qualquer uma. Agora não ouço muito, mas ouço. Quando tenho lá os meus netos em casa, eles têm o rádio aceso ou a televisão e eu ouço.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Não sei, acho que não é má. É para o tempo deles, no nosso tempo era uma e agora é outro.

4. A música tem importância na sua vida?

Tem, porque eu gosto. Gosto de ouvir na televisão, gosto de ouvir na rádio.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

O meu neto toca viola ou guitarra, anda em aulas.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Não.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho um neto de sete anos. Dou-me muito bem com ele e com todos, são uns queridos.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Muito boa.

Entrevistada: D. Júlia

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque relaxa, conforme a música for. Mas quando gosto fico mais tranquila.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Música assim mansinha, para relaxar. Ouço poucas vezes.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Não gosto, são umas músicas assim muito exaltadas.

4. A música tem importância na sua vida?

Pouco.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Não.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Não.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

É boa, gosto muito de crianças.

Entrevistada: D. Lurdes

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Muito, muito, porque eu dancei muito e gosto muito de música.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Tango, valsa, swing. Ouço muita música, ouço todos os dias.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

É bonito, são jovens.

4. A música tem importância na sua vida?

Muita. Porque eu fui uma grande dançarina toda a minha vida e gostei muito de dançar valsa, swing, tango, a valsa da meia noite.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Não.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho e dou-me muito bem com elas.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Gosto muito de crianças, então se não houvesse crianças o mundo não prestava para nada.

Entrevistada: D. Lídia

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Gosto, porque alegra a gente e nós dançamos, cantamos e rimos. É uma beleza, é uma animação. Na minha mocidade o que eu adorava mais eram as fogueiras, o Carnaval e os bailes.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Portuguesa. Agora não ouço tanto, mas quando eu podia, ouvia. Agora nem tanto, ando sempre para aqui e para acolá.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Para elas é animada e elas gostam muito de dançar. Mas são muito diferentes, as crianças agora têm tudo de diferente do que nós tínhamos. As nossas eram mais simples, mais analfabetas, agora as crianças nascem com a esperteza toda.

4. A música tem importância na sua vida?

Tem, gosto muito.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

O meu irmão canta num rancho.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Tocar não, mas cantar cantei muito.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho bisnetos e netos. Dou-me bem, mas ainda me dava melhor se estivesse perto.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças? Gosto de todas. Por toda a criança que eu passo dou-lhe um mimo. Gosto muito, eu criei muitas crianças.

Entrevistada: D. Mariana

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Não, porque não tenho alegrias. Quando não tenho alegrias não vou ligar a música.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Gosto muito de fados, mas nunca ouvi muita música.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Acho bem.

4. A música tem importância na sua vida?

Quando era mais nova, sim. Costumava ir às fogueiras, que era a festa de minha casa. Não ia a bailes nem nada.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Não.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Sim, eu cantava, cantava muito. Até no rio, quando eu ia lavar roupa, a minha mãe era lavadoura num hotel e eu ia com ela ao rio e com uma amiga. Eu cantava com a senhora minha amiga, os estudantes iam à grade e ela dizia “Oh senhor doutor, dê alguma coisinha!” Eles davam dinheiro e elas pediam para ir buscar a pingueta para o almoço. Agora eu tenho um rádio pequenito, eu ligo, se a música é boa eu ouço se não é boa eu desligo logo.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Não, pequenitas não. Quando tinha a relação era boa.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Tenho relação com duas crianças que são filhas da minha vizinha, gosto muito delas. A de 11 anos só está agarrada à televisão, anda a estudar e gosta muito de música.

Entrevistado: D. Rosa

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Muito. É capaz de já vir de família. Tinha um avô materno que cantava, era tenor, portanto tinha uma voz educada para cantar mesmo. Se fosse neste tempo ele seria um cantor de ópera. Portanto na nossa família todos cantam ou cantavam. Agora, infelizmente já cá não estão. Cantavam as minhas irmãs, a minha mãe. Portanto, o meu irmão, já vem de família.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Eu gosto, para cantar, música ligeira porque não tenho, quando eu cantava. Música ligeira porque não tenho escola de música. Para ouvir gosto de música ligeira e gosto de música clássica.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Ai são uma tristeza a maior parte delas, mas também não admira com a minha idade. Mas sei apreciar quando uma canção é bonita. Só que, infelizmente, agora é tudo aos berros, cantam tudo em inglês e eu sou muito portuguesa e gostava que também cantassem em português e se formos a fazer uma percentagem é mais de música inglesa do que música portuguesa e eu sinto pena por isso, dos jovens não estarem vocacionados para a nossa música.

4. A música tem importância na sua vida?

Muita, desde sempre.

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Sim, uma das minhas irmãs ainda chegou a tocar, aliás as duas tocaram violino, mas simplesmente sem se dedicarem ao instrumento. Das duas, a mais nova também tocou bandolim, mas sem aprofundar, só por uma questão de gosto.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Eu comecei a aprender a tocar piano, mas, entretanto, fiquei com a mão defeituosa e o braço, tive que desistir, com muita pena porque estava a gostar, mas pronto, paciência.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Já não, já não porque os meus sobrinhos...Tenho agora terceiros sobrinhos, sou tia bisavó mas estão no Brasil, não estão perto de mim.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Gosto e sempre tive crianças na minha casa, não eram minhas. Eu procurava sempre ter crianças que tivessem necessidade. Também podia ter alguma que não tivesse necessidade, mas procurei sempre ter para que, além delas me darem prazer, eu poder ajudá-las e hoje já são crescidas, já são mulheres, já são mães e não se esquecem de mim, é engraçado, não se esquecem de mim. Portanto é porque eu me dei bem com elas e elas comigo.

Entrevistado: Sr. Miguel

1. Gosta de música? Se sim, porquê?

Eu gosto de música, gosto de tudo. Porque gosto de ouvir.

2. Que tipo de música gosta? Com que regularidade ouve música?

Olhe, para mim é o Marco Paulo. A coisa a que dou mais valor é a música, o noticiário e a bola, mais nada.

3. O que é que pensa das músicas que os jovens ouvem hoje em dia?

Olhe agora é umas músicas esquisitas. Atualmente esta malta ouvem umas músicas que não têm jeito nenhum, não é como antigamente. Antigamente é que havia música. Era muito diferente, até na dança era muito diferente e agora não, anda ali de volta a ver se se agarra ao engenho. Ali antigamente (:::::)eu sabia dançar um tango. Íamos para as aldeias, de sábado para domingo e da minha terra ia para a Mealhada, eu e mais dois sobrinhos que eu tinha que já morreram íamos no sábado á noite e só voltávamos domingo de manhã ás nove horas.

4. A música tem importância na sua vida?

Exatamente

5. Tem alguém na família que toque/ cante?

Não, não tenho ninguém. A minha irmã está na França mais a família toda completa, outra já morreu e não tenho mais ninguém. Tenho um neto, esse trabalha. Tenho um filho que mora aqui, esse também é condutor.

6. Já alguma vez tocou um instrumento?

Nada. O instrumento é meter para a boca.

7. Tem crianças na família? Qual a sua relação com elas?

Tenho um netinho, que é coisa que adoro tanto. Dou-me bem com eles todos.

8. Fora da sua família, como é a sua relação com crianças?

Para mim uma criança tem muito valor. Têm mais valor do que algumas pessoas adultas. Quem faz mal a uma criança, faz mal a Deus.

Anexo IV – Planificação das Atividades Orientadas pela Estagiária

Atividade: Oficina Musical

Data da Atividade: 29 de dezembro

Duração da atividade: 1h30m

Objetivos da atividade:

- Avaliar a interação entre os idosos e as crianças;
- Utilizar a música como veículo de mediação entre estas duas populações, procurando promover a mudança e a transformação de ambas as partes e criando pontes de convergência;
- Perceber a importância atribuída à música pelos participantes

Descrição da Atividade: Cada participante apresentar uma música representante da sua geração e ensina-la aos outros.

Atividade: (Re)Construção Musical

Data da Atividade: 10 de abril

Duração da atividade: 1h30m

Objetivos da atividade:

- Continuar o desenvolvimento das relações entre os públicos alvos começado na atividade anterior através da música;
- Perceber qual o impacto do espaço de tempo entre a primeira atividade e esta nos desenvolvimentos feitos nesta;
- Promover o trabalho em equipa;
- Estimular as capacidades cognitivas de ambos os públicos-alvo.

Descrição da Atividade: Escolhe-se uma música popular conhecida por ambas as populações-alvo (o “Alecrim”). Eles ouvem-na e se quiserem podem acompanhá-la cantando e de seguida fazem alguns grupos mistos para que, depois de recortada a letra do alecrim para cada grupo, estes têm de reconstruir a música conforme se lembram e no final apresentar o resultado final, mesmo que não seja igual à letra final.

Atividade: A(Voz) e Netos – Concurso Musical Intergeracional

Data/ hora da atividade: 18 de abril – 14:00 – 16:00

Duração: 2h

Objetivos:

- Promover a interação entre as duas populações-alvo, continuando o trabalho realizado nas outras atividades;
- Promover momentos de lazer e diversão aos idosos e às crianças;
- Perceber se a música, neste contexto de concurso, continua a ser um veículo de mediação entre estas duas populações;

Descrição da Atividade: Esta atividade inspira-se do programa da RTP, “ The Voice” em que as crianças e os idosos irão cantar, com 4 júris e quatro cadeiras que viravam quando um dos júris gostasse da voz da pessoa que cantou.

Atividade Final: **Canções Intergeracionais**

Data da atividade: 18/05/2017

Duração da atividade: 2 horas: 14:00 – 16:00

Local da Atividade: CSSP

Objetivos da atividade:

- Continuar o desenvolvimento das relações entre os públicos alvos começado na atividade anterior através da música através de apresentação de músicas interpretadas pelos públicos-alvo desta investigação;
- Promover um momento de lazer e convívio para todas as pessoas envolvidas neste estágio através da música e de um lanche partilhado;
- Apresentar uma realidade cultural diferente a estes públicos alvos, através da atuação de uma tuna académica (Tum'Acanénica), da qual faço parte;
- Conclusão do estudo realizado no âmbito do estágio.

Descrição da Atividade: Esta atividade consiste na apresentação de uma música por cada população com quem estive a trabalhar (idosos do C.S.S.P) e as crianças do CATL do Centro Comunitário S. José, sendo que as crianças irão cantar uma música ligada aos gostos musicais dos idosos e estes irão cantar uma música ligada aos gostos musicais das crianças, com o objetivo de cimentar as relações criadas ao longo de estágio.

Apêndice V – Fotos das Atividades

Magusto





Natal

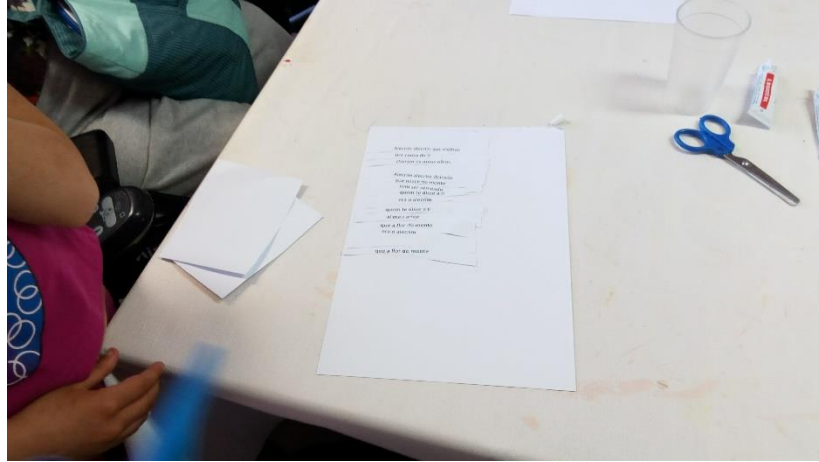




Atividades Orientadas pela Estagiária

1. (Re)Construção Musical









2. A(voz) e Netos













3. Canções Intergeracionais









Outras atividades...





















